

Ainda Não Sabiam Que Eram Fascistas

por

João Bernardo



Amadora, 2022
www.libertaria.pt

Título:

Ainda Não Sabiam Que Eram Fascistas

Autor:

João Bernardo

Alguns Direitos Reservados:

© Passa Palavra, 2014 | passapalavra.info

© João Bernardo, 2022

© Libertária, 2022

É permitida a livre reprodução desde que para fins não comerciais, os autores sejam citados e a integridade do texto ou das partes utilizadas seja respeitada.

Colecção: História Insurrecta

Volume: 001

Organização: Revista Libertária | libertaria.pt

Paginação, revisão e capa: Flávio Gonçalves | autarkies.com

Distribuição: IAECA | iaegca@gmail.com | radicaislivres.pt

Fotografia de capa: Gabriele D'Annunzio com os Arditi, 1920

Impressão: Gráficas Ulzama

Depósito Legal: 493979/22

ISBN: 9798797975519

Impresso na União Europeia.

Dando sequência ao debate suscitado pela publicação do importante texto de Zeev Sternhell¹, apresento aqui uma nova versão das págs. 390-419 do meu livro *Labirintos do Fascismo - Na Encruzilhada da Ordem e da Revolta* (Porto: Afrontamento, 2003).

Trata-se de um texto inédito e a análise que agora prossigo é mais detalhada e baseia-se numa bibliografia mais extensa do que a que pode ler-se no livro.

¹ “O Nascimento da Ideologia Fascista” in *Passa Palavra*:
<https://passapalavra.info/2014/02/91613/>

ÍNDICE

...e Hoje Sabem? 9

I

Corradini e os
Sindicalistas Revolucionários..... 13

II

Da Autonomia dos Trabalhadores
ao Fascismo..... 31

III

Do Vanguardismo
a Uma Teoria das Elites 51

IV

Da Apologia da Elite
a Uma Teoria dos Heróis 73

V

Mussolini,
o Mais Improvável dos Fascistas... 95

... e hoje sabem?

A história do fascismo não segue um percurso contínuo, como o das outras grandes correntes políticas, entre as quais pode haver contaminações e influências, mas que obedecem a linhagens próprias. O fascismo resulta de cruzamentos entre esquerda e direita, ressoando em cada um dos pólos o eco de temas e formas de organização proveniente do outro pólo. Exterior ao leque convencional das opções políticas, que cobre desde a ponta da esquerda até à ponta da direita, e combinando contribuições de todos os lados, o fascismo é essencialmente plástico. Por isso não é fundado de forma definitiva e deve periodicamente ser gerado de novo.

Já na primeira versão do *Labirintos do Fascismo*, publicada em 2003 (no Porto, pela Afrontamento), tentei captar esse duplo carácter, plástico e dinâmico, e esforcei-me por torná-lo mais claro ao longo de versões sucessivas, até à quarta versão, que será editada em breve (pela Hedra, em São Paulo). Este ensaio *Ainda Não Sabiam Que Eram Fascistas*, divulgado pela primeira vez como uma série de artigos em 2014, no site *Passa Palavra*, foi depois incorporado, com várias modificações, no *Labirintos do Fascismo* e pode ser lido como uma introdução ao cerne da obra.

Sem seguir uma linhagem que lhe pertença exclusivamente, de cada vez o fascismo assume

uma aparência diferente e um novo nome. Maurice Bardèche, um fascista lúcido, dos mais lúcidos do pós-guerra, observou que «desde que a palavra *fascismo* não seja pronunciada, não faltam os candidatos ao fascismo», e previu o seu reaparecimento «com outro nome, com outro rosto, e decerto sem nada que seja a projecção do passado, imagem de um filho que não reconheceremos [...]»². As páginas que aqui se seguem, e muito de tudo o mais que escrevi, resultam de uma preocupação, a necessidade de decifrar esse «outro rosto». Para tal julgo que será útil conhecer a actuação de quem ainda não sabia que era fascista. Encontramos nessa gente o espelho de uma ignorância actual, ignorância aliás cultivada, porque não resulta do desconhecimento, mas da vontade de não enfrentar a imagem.

O espelho é público e está disponível, e as coisas seriam mais simples se todos mostrassem a franqueza de Marcus Garvey quando em 1937, três anos antes de morrer, se gabou de ter sido o inventor do fascismo. «Nós fomos os primeiros fascistas. Disciplinámos homens, mulheres e crianças e preparámo-los para a libertação da África. As massas negras viram que só neste nacionalismo extremo podiam depositar as suas esperanças e apoiaram-no de imediato. Mussolini copiou de mim o fascismo, mas os reaccionários negros sabotaram-no»³. E se esta sinceridade é

² Maurice BARDECHE, *Qu'Est-ce que le Fascisme?*, Paris: Les Sept Couleurs, 1961, págs. 160 e 195.

³ Citado em Edmund David CRONON, *Black Moses. The Story of Marcus Garvey and the Universal Negro Improvement Association*, Madison e

hoje incômoda para os numerosíssimos seguidores de Garvey, também não parece ser aproveitada pelos historiadores que desprezam uma pista tão evidente. Aquelas palavras de Garvey esclarecem muita coisa, ou deveriam esclarecer.

Com efeito, se a historiografia se destinasse apenas a conhecer o passado limitar-se-ia a um macabro exercício de necrofilia. O objectivo do historiador é decifrar o mundo em que vivemos, e para isso tem de comparar situações e perceber linhas de desenvolvimento. O historiador que não quiser manter-se no plano da futilidade deverá sempre, explícita ou implicitamente, considerar os casos particulares como variantes contrapostas a outras variantes, sem nunca aceitar qualquer ocorrência como fortuita ou isolada. Creio que só esta perspectiva aproxima a historiografia do rigor científico. Sem isso, podemos conhecer o que foi feito no passado, mas nunca entenderemos o que se está hoje a fazer.

Seguir as pegadas dos que ainda não sabiam que eram fascistas ajuda a identificar os traços dos que também hoje não o sabem.

João Bernardo
Janeiro de 2022

Londres: University of Wisconsin Press, 1968, pág. 199 e George PADMORE, *Panafricanisme ou Communisme? La Prochaine Lutte pour l'Afrique*, Paris: Présence Africaine, 1960, pág. 106. Ver também Arthur HERMAN, *The Idea of Decline in Western History*, Nova Iorque: The Free Press, 1997, pág. 213.

I

Corradini e os Sindicalistas Revolucionários

Entre 1908 e 1910 o político e pensador nacionalista Enrico Corradini começou a apresentar a Itália como uma «nação proletária»⁴. A importância passada da península e as grandes aspirações do *Risorgimento* contrastavam com a sua presença insignificante no contexto europeu e com as fracassadas esperanças colonizadoras. Mas para classificar como proletário um país era necessário proceder a consideráveis distorções vocabulares. A palavra «proletariado» define uma classe social, pressupondo a cisão entre produtores e apropriadores de mais-valia no interior de cada colectividade nacional. Pelo contrário, designar como proletária uma nação equivalia a pensá-la enquanto colectividade predominantemente homogénea, negando a sua clivagem em grupos antagónicos. A passagem da oposição de classes para a solidariedade entre classes foi o primeiro

⁴ Uma exposição das teses de Corradini encontra-se em J. Ploncard d'Assac (1971) 91-101 e S. Saladino (1965) 233-235, 237-238. Segundo A. Lyttelton (1982) 27-28 e 31, foi na obra do poeta Giovanni Pascoli que ele encontrou a imagem da Itália como «nação proletária». Mas o que me interessa aqui é o conceito político, não a expressão literária.

—

resultado daquela operação terminológica. A junção dos dois vocábulos teve ainda outra faceta. Corradini não se limitou a adjectivar a Itália como proletária; atribuiu ao mesmo tempo a essa situação proletarizada uma existência nacional. As implicações deste segundo aspecto foram igualmente profundas.

A velha crítica feita pelos conservadores ao liberalismo jacobino inspirava Corradini quando acusava os socialistas de, por detrás das referências a uma entidade colectiva, apresentarem na verdade o indivíduo como medida dos seus anseios. Pão para todos, justiça, condições de vida dignas, estas aspirações reduziam-se à esfera da felicidade pessoal, e ao censurá-las Corradini decerto ecoava as apóstrofes nietzschianas contra a moral da piedade e o socialismo dos escravos⁵. A este padrão individual ele substituiu um sujeito exclusivamente colectivo — a nação. Mas não seria mais rigoroso, então, ampliar o verdadeiro sujeito à humanidade, a maior comunidade possível? Para evitar que as suas premissas fossem desenvolvidas até uma conclusão tão lógica quanto inoportuna, o político nacionalista, como outros o haviam feito antes dele, introduziu nestas transmutações verbais a dialéctica darwiniana, afirmando que cada nação só tinha significado contra as outras nações e que a identidade nacional apenas se podia afirmar no combate pela supremacia. «As nações surgiram porque houve

⁵ J. Ploncard d'Assac (1971) 96 chamou a atenção para a influência que a obra de Nietzsche exerceu sobre Corradini.

um antagonismo», escreveu Corradini em 1908, «e, de certo modo, elas mais não são do que a consolidação de um estado de guerra permanente de uns contra os outros»⁶. Tratava-se, como observou um historiador, de «uma concepção verdadeiramente tribal da nação»⁷. Nestes termos, seria utópico imaginar que, tal como a agregação dos indivíduos levava à formação de nações, também a junção das nações conduziria a um supranacionalismo humanitário. Se a vida, como os darwinianos explicavam, era uma luta pela existência, então a existência das nações só podia ser uma luta entre elas. Havia que devorar, para não ser devorado. O imperialismo era a única opção para a nação proletária.

Fica completa, assim, a definição da «nação proletária». Tratava-se de transformar a luta de classes, que dissolvia a nação e o Estado, numa luta entre nações, que reforçava a coesão de cada nação e consolidava os Estados. «O nacionalismo é, em suma, a reafirmação da solidariedade nacional contra a luta de classes», proclamou Corradini em 1911; «é o esforço para repor as classes no seu lugar e para as subordinar novamente aos objectivos da nação»⁸. Ao conflito interno que opunha proletários e capitalistas substituíam-se a guerra externa entre nações proletárias e nações plutocráticas. A magia das palavras! Assim como o adjetivo «proletária» era atrelado ao substantivo «nação», também a classe

⁶ Citado em id., *ibid.*, 98.

⁷ Z. Sternhell et al. (1994) 10.

⁸ Citado em J. Ploncard d'Assac (1971) 100.

trabalhadora iria politicamente a reboque dos capitalistas de cada país.

«Há nações que estão numa situação de inferioridade relativamente a outras, tal como há classes que estão numa situação de inferioridade relativamente a outras classes», escreveu Corradini em Outubro de 1910. «A Itália é uma nação proletária; basta a emigração para o demonstrar. A Itália é a proletária do mundo»⁹. Na realidade, Corradini pretendia orientar para a colonização africana as multidões de deserdados que todos os anos emigravam do sul da península¹⁰. Entre 1871 e 1901 quase três milhões e meio de pessoas haviam abandonado a Itália, rumo ao estrangeiro, e nos quinze anos seguintes o número de emigrantes aumentou para cerca de nove milhões¹¹. Nas vésperas da primeira guerra mundial a debandada movia já quase um milhão de pessoas por ano¹². Ajudando a reduzir as pressões sociais no país e atenuando, portanto, a luta de classes, a emigração contribuiu para criar as condições que permitiram a Giolitti inspirar duas décadas da história italiana com uma política liberal e uma orientação social conservadora¹³. Assim, sustar o processo migratório, como desejava Corradini, teria como efeito atingir as próprias bases do liberalismo e fomentar o imperialismo enquanto válvula de escape das

⁹ Citado em Z. Sternhell et al. (1994) 164.

¹⁰ J. Ploncard d'Assac (1971) 91, 93, 95; S. Saladino (1965) 237.

¹¹ E. Santarelli (1981) I 6 n. 1.

¹² G. Bortolotto (1938) 222; A. Lyttelton (1982) 31; P. Milza (1999) 46.

¹³ E. Santarelli (1981) I 12.

ensões sociais. Corradini não foi o primeiro político italiano a propor a expansão colonial como forma de absorver a emigração oriunda das províncias meridionais, mas ao apoderar-se do tema ele insuflou-lhe algo novo, que o transformou completamente, fazendo ecoar na direita nacionalista uma dinâmica proveniente do lado de lá do espectro político¹⁴.

«A teoria de Corradini», afirmou um dos mais argutos estudiosos do fascismo, «constitui talvez a primeira tentativa de empregar as forças que influem na luta de classes para promover um socialismo imperialista»¹⁵. Na verdade, a ideia de inserir o proletariado na nação, graças a uma política de nacionalismo social, fora já gerada duas décadas antes em França por Édouard Drumont e

¹⁴ Id., *ibid.*, I 29-30.

¹⁵ F. Neumann (1943) 226.

Giovanni Papini afirmou ter sido ele, e não Corradini, o primeiro a apresentar esta orientação, num discurso proferido em 1904. Ver a este respeito E. Santarelli (1981) I 34 n. 1. Com justiça ou sem ela, porém, na vida política, tal como no âmbito da técnica, os inventores são quem fornece às ideias os meios práticos da sua realização, e o literato Papini, que jamais conseguiu ser um político eficaz, não podia competir com Corradini, o literato convertido em chefe político. De qualquer forma, parece-me que ambos estavam então demasiado próximos para que possamos definir com exactidão o que pertencia a cada um e o que lhes era comum, já que Papini, como indicou S. Saladino (1965) 231, era o chefe de redacção do periódico dirigido por Corradini, desde a sua fundação em 1903 até ao seu termo menos de três anos depois. Não deixa, todavia, de ser interessante ler em *id.*, *ibid.*, 231-233 que, segundo um dos mais próximos associados de Papini, a extinção do jornal ter-se-ia devido à incompatibilidade entre os furores utópicos e líricos de Corradini e as preocupações práticas de Papini, que nessa época estaria sobretudo interessado pelos aspectos socioeconómicos do socialismo e admitiria mesmo a implantação de um regime de base sindicalista. A ser verdade, que estranha inversão de papéis! Mas P. Milza (1999) 113 apresentou a questão sob a luz oposta e pretendeu que os intelectuais que circulavam em torno de Papini e de Giuseppe Prezzolini defendiam a primazia das forças espirituais e da missão civilizadora da Itália, e por isso se opunham a Corradini.

por Maurice Barrès¹⁶. Em 1892 Drumont cunhou o termo «nacional-socialismo», indicando as preocupações sociais do novo nacionalismo, e Barrès definiu-se como socialista nacionalista quando apresentou a sua candidatura à Câmara dos Deputados em 1900¹⁷. «Nunca tenho receio de insistir na união da ideia socialista e da ideia nacionalista», escreveu Barrès numa obra de 1902¹⁸. Mas o que não passara de uma inspiração recebeu de Corradini um arcaboço conceptual e condições organizativas. O seu génio não consistiu em meras modificações terminológicas. Confundir palavras, há muito quem o faça. Corradini assumiu as consequências políticas que decorriam da junção da «nação» e do «proletariado», e nos anos que precederam a Primeira Guerra Mundial esforçou-se por consolidar uma aliança entre os seus nacionalistas radicais e os sindicalistas revolucionários, que transportasse a luta da classe trabalhadora do interior da Itália para o exterior, convertendo uma nação proletária numa nação imperial¹⁹. «Por favor, não percam de vista os sindicalistas», preveniu Corradini em Abril de 1909. «Eles têm de certo modo um ponto de partida idêntico ao nosso. Trata-se da primeira doutrina sincera e forte produzida pelo inimigo»²⁰. Não se podia ser mais claro. Na sua opinião, e

¹⁶ J. Ploncard d'Assac (1971) 32; Z. Sternhell et al. (1994) 11.

¹⁷ J. Ploncard d'Assac (1971) 17, 33.

¹⁸ Citado em id., *ibid.*, 32-33.

¹⁹ Id., *ibid.*, 92; J. Rossi (1946) 570; S. Saladino (1965) 235; Z. Sternhell (1978) 398.

²⁰ Citado em P. Milza (1999) 107. Note-se que segundo G. Volpe (1941) 13 estas apreciações de Corradini datariam de 1910.

consoante o modelo exposto por Pareto, os sindicalistas constituíam uma nova elite em formação, capaz de derrubar a antiga elite decadente e de revitalizar a nação²¹. O dirigente nacionalista apercebera-se da fraqueza dos grupos sociais conservadores, com os quais seria impossível inaugurar um nacionalismo agressivo. A Itália proletária só poderia adquirir uma existência imperial se a dinâmica revolucionária do movimento operário fosse orientada além-fronteiras. O génio de Corradini consistiu em, a partir da direita, ter entendido a necessidade de renová-la politicamente, usando para isto o proletariado. Residiu aqui a substância mesma do fascismo.

No congresso de Florença, em Dezembro de 1910, constituiu-se sob a égide de Corradini a Associação Nacionalista Italiana, que haveria mais tarde de exercer uma influência decisiva sobre o fascismo nascente. Se Mussolini trouxe para o fascismo as massas de militantes, foi Corradini a provê-lo da formulação teórica básica e da principal orientação estratégica, até que por fim os nacionalistas se integraram no Partido Nacional Fascista (PNF), em Março de 1923. A partir do momento em que não bastavam já a ferocidade e os maus modos dos *squadristi* e era propriamente necessário governar, acabaram por ser os antigos nacionalistas, apesar de minoritários, quem, com a sua competência e o seu rigor doutrinário,

²¹ A. Lyttelton (1982) 593.

dominou por dentro a direcção do PNF²². «Mussolini não foi o inventor do aspecto *imperialista* do fascismo; herdou-o de Corradini», notou um fascista francês que durante muitos anos foi português de adopção. «Mussolini não inovou nada; realizou»²³. Nesta perspectiva, pode dizer-se que Mussolini teve a capacidade táctica de concluir na prática a estratégia política paradoxal concebida e inaugurada por Corradini.

Aquela estratégia audaciosa de alianças políticas ficaria sem efeito, porém, se ao mesmo tempo, e não só na Itália, não se operasse a partir de uma certa extrema-esquerda um movimento de convergência com a extrema-direita nacionalista e autoritária. Édouard Berth, um teórico francês do sindicalismo revolucionário que gozava de significativa audiência entre os seus correligionários italianos, depois de invocar Proudhon para proceder a uma longa apologia da guerra enquanto modelo de organização social e inspiradora de virtudes proletárias, concluiu que só o carácter pusilânime do burguês e a sua mentalidade exclusivamente mercantil o impediam de admitir que as colectividades nacionais recorressem à guerra militar assim como as colectividades operárias, os sindicatos, recorriam à guerra social, ou seja, à greve. «O burguês não sabe o que é uma colectividade nacional ou operária, e não pode sem dúvida

²² Id., *ibid.*, 191; Ch. S. Maier (1988) 440; M. Ribeiro [1930] 117; E. Santarelli (1981) I 336-337; P. Togliatti (1971) 34-35.

²³ J. Ploncard d'Assac (1971) 92, 93 (sub. orig.). Acerca de Corradini enquanto precursor de Mussolini ver ainda as págs. 94, 95 e 99.

compreender que a honra desta colectividade represente algo superior a um cálculo de perdas e lucros. [...] O burguês [...] é incapaz de se elevar a um certo nível de pensamento ou de sentimentos: a ideia social só pode ser militar ou operária, e não existem senão duas nobrezas, a da espada e a do trabalho. O burguês, o homem de negócios, das finanças, do ouro e da bolsa, o comerciante, o intermediário, e o seu compadre, o intelectual, que também é um intermediário, todos eles estranhos ao mundo do exército como ao mundo do trabalho, estão condenados a uma irremediável mediocridade de pensamento e de coração»²⁴. Os pressupostos ideológicos eram claros e não admitiam outras ilações — a greve e a guerra ficavam colocadas no mesmo plano graças ao mito da honra viril. Nada se opunha, em tal perspectiva, a que o proletariado militante encabeçasse uma nação guerreira.

Os sindicalistas revolucionários italianos não tardaram em extrair esta conclusão. Eles formavam no final de 1902 uma facção no interior do Partido Socialista Italiano, e a conjuntura afigurava-se-lhes favorável, porque em 1903 a tendência radical obteve o controlo do jornal diário do partido e conseguiu a maioria no congresso de 1904. Mas noutro congresso efectuado quatro anos depois os reformistas triunfaram e passaram a

²⁴ E. Berth, «Anarquismo y Sindicalismo», em G. Sorel et al. (1978) 38-39. Também Mussolini, em Maio de 1934, citou Proudhon em defesa do carácter natural e inevitável da guerra. Ver G. S. Spinetti (org. 1938) 93. Acerca da identificação a que os sindicalistas revolucionários, na sequência de Proudhon, procediam entre as virtudes laboriosas e as virtudes bélicas ver G. Guy-Grand (1911) 169 e 209-211.

orientar o diário nacional. Verificando a impossibilidade de conquistar os postos de comando, os sindicalistas revolucionários abandonaram o partido, e como ao mesmo tempo foram afastados dos lugares de direcção nacional na central sindical socialista, a Confederazione Generale del Lavoro (CGL, Confederação Geral do Trabalho), concentraram-se na actividade regional e desempenharam um papel de relevo na preparação e na condução de inúmeras lutas²⁵. Para evitar a acção dissolutora da burocracia reformista, os sindicalistas revolucionários organizavam os grevistas através das Câmaras do Trabalho, que no seu entender deveriam constituir a célula fundamental da sociedade futura²⁶. Foi assim que nas grandes greves rurais de 1907 e 1908 eles adquiriram uma base efectiva, não se limitando a ser uma corrente de opinião e transformando-se numa força social no seio da classe trabalhadora italiana.

Com a publicação de *La Lupa*, a partir do final de 1910, os sindicalistas revolucionários encetaram o diálogo que os aproximou dos nacionalistas radicais²⁷, e no ano seguinte surgiu a oportunidade de estreitar esta convergência. Em Setembro de 1911 o governo de Roma enviou ao sultão otomano um ultimato reclamando o reconhecimento dos direitos italianos sobre a Tripolitânia e a Cirenaica. Como se previa, o governo turco rejeitou as exigências e a Itália

²⁵ P. Milza (1999) 91; Z. Sternhell et al. (1994) 131, 132, 135, 136.

²⁶ P. Milza (1999) 91; Z. Sternhell et al. (1994) 135-136.

²⁷ Z. Sternhell (1978) 398; id. et al. (1994) 32, 138.

iniciou as campanhas militares na Líbia. Um bom número de sindicalistas revolucionários, incluindo intelectuais de renome, apoiou activamente a agressão²⁸, vendo nela, tal como Corradini e os seus nacionalistas, uma forma de absorver a emigração. «É possível que a acção na Líbia seja a iniciativa mais importante e mais séria tomada até hoje em benefício do sul do país», escreveu Arturo Labriola, o principal teórico italiano do sindicalismo revolucionário²⁹. A Itália estaria condenada a ser uma nação proletária enquanto durasse a sangria da sua população trabalhadora, e na conjugação do problema da emigração com o programa de expansão colonial os sindicalistas revolucionários encontraram o terreno comum com os nacionalistas radicais³⁰. Angelo Oliviero Olivetti, uma das personalidades mais representativas do movimento, escreveu em defesa da expedição militar contra o norte da África: «O sindicalismo odeia a pálida igualdade freirática com a qual sonha o colectivismo, e em vez disso serve de prelúdio à formação de elites combativas e conquistadoras, lançadas ao assalto da riqueza e da vida»³¹. E Arturo Labriola não hesitou em desvendar o paradoxo, apresentando-o como se fosse uma demonstração. «Ah, camaradas, sabem por que razão o proletariado na Itália não pode fazer uma revolução? Eu digo-vos. Porque ele nem

²⁸ G. Bortolotto (1938) 216; P. Milza (1999) 134; Z. Sternhell et al. (1994) 32, 166.

²⁹ Citado em Z. Sternhell et al. (1994) 168.

³⁰ Id., *ibid.*, 137.

³¹ Citado em S. Saladino (1965) 242.

sequer é capaz de fazer uma guerra»³². Se tão facilmente a revolução, que era uma luta de classes, podia ser equiparada à guerra, que era uma luta nacional, nada obstava já a que os sindicalistas revolucionários substituíssem o proletariado pela nação.

Nesta ocasião, porém, a ala belicista do movimento teve de enfrentar a oposição de correligionários mais numerosos e não menos relevantes, em especial aqueles que, através das Câmaras do Trabalho, mantinham contacto directo com o proletariado³³. Afirmando que a conquista

³² Citado em Z. Sternhell et al. (1994) 166.

Aquela tese, onde a coragem política se confundia com o mito da virilidade, foi persistente na esquerda. No Outono de 1940 escreveu George Orwell em «My Country Right or Left», a propósito da atitude a tomar na guerra mundial: «São exactamente aquelas pessoas cujos corações *nunca* pulsaram de entusiasmo à vista de uma bandeira nacional que recuarão perante a revolução quando o momento chegar». Aliás, todo o artigo constitui uma apologia do nacionalismo enquanto mito mobilizador, num verdadeiro sentido soreliano. Este artigo vem reproduzido em G. Orwell (1998) 197-202 e a passagem citada encontra-se na pág. 202 (sub. orig.).

³³ Afirmou G. Arfe (1967) 206 n. 12 que perante as campanhas na Líbia os sindicalistas revolucionários se dividiram sobretudo em duas correntes. Uma, favorável ao colonialismo, era encabeçada por Arturo Labriola e a outra, contrária à aventura africana, tinha como figura mais notável Enrico Leone, um dos principais teóricos do movimento. A respeito da posição assumida por Leone ver igualmente Z. Sternhell et al. (1994) 169. Por seu lado, P. Milza (1999) 134 e 169 incluiu também Alceste De Ambris, Michele Bianchi e Paolo Mantica na tendência contrária à guerra na Líbia e, na tendência favorável, Paolo Orano e Angelo Oliviero Olivetti, além de Labriola. Mas Gaetano Arfe em *op. cit.*, *ibid.* mencionou ainda uma terceira corrente, que «se separa do filão sindicalista», representada por Orano e outros, «destinados a tornarem-se os primeiros teóricos do fascismo». Não me parece que haja qualquer razão para distinguir esta corrente da primeira. Fundador e director de *La Lupa*, Orano estabeleceu um elo de ligação entre o colonialismo agressivo defendido à esquerda por Arturo Labriola e o nacionalismo radical animado na direita por Corradini. Não foi separando-se do sindicalismo revolucionário que ele e os seus amigos formularam os temas originários do fascismo, mas, pelo contrário, desenvolvendo uma tendência que estava implícita no próprio sindicalismo revolucionário.

da Líbia não reflectia os interesses da nação, mas apenas a ganância de um grupo de capitalistas, os sindicalistas revolucionários hostis às aventuras coloniais participaram ao lado do Partido Socialista na greve geral de Setembro de 1911, convocada em protesto contra a expedição africana³⁴. Todavia, não se deve exagerar a importância do desacordo. Em Novembro de 1912 as duas tendências realizaram um congresso unificado, onde decidiram abandonar a CGL, e com a colaboração de outras correntes próximas, incluindo anarquistas, criaram uma central sindical, a Unione Sindacale Italiana (USI, União Sindical Italiana). A audiência de que beneficiavam continuava a ser considerável, pois a nova organização podia apresentar mais de cem mil membros, perante os trezentos mil dos sindicatos socialistas³⁵. Mas a ambiguidade no interior deste movimento não devia ser pequena, já que a USI mantinha uma posição claramente antimilitarista³⁶, e as contradições tornaram-se insanáveis em 1914, quando os partidários da intervenção na guerra mundial acenaram com a possibilidade de satisfazer os sonhos do irredentismo a expensas do Império Austro-Húngaro. Enquanto a maioria da USI, sob a orientação anarquista, defendeu que o país permanecesse neutral no conflito, os dirigentes

³⁴ P. Milza (1999) 136; Z. Sternhell et al. (1994) 138, 169.

³⁵ Z. Sternhell et al. (1994) 139. Porém, P. Milza (1999) 92 atribuiu apenas cem mil membros à USI e pretendeu que a CGL mobilizava meio milhão de trabalhadores.

³⁶ Z. Sternhell et al. (1994) 139-140.

sindicalistas revolucionários adoptaram unanimemente a posição contrária, figurando todos eles na primeira fila dos entusiastas da entrada da Itália na guerra³⁷. A cisão era inevitável.

Os sindicalistas revolucionários abandonaram a USI para fundar em Outubro de 1914 o Fascio Rivoluzionario d'Azione Internazionalista (Liga Revolucionária de Acção Internacionalista)³⁸, o primeiro de uma série de *fasci* que em poucos anos levariam a Itália a um destino bem conhecido. A grande matança foi apresentada como uma guerra revolucionária. «Nós, revolucionários que permanecemos fiéis aos ensinamentos dos nossos mestres», lê-se no manifesto inaugural do Fascio, «acreditamos que não é possível ultrapassar os limites das revoluções nacionais sem passar primeiro pela fase da própria revolução nacional. [...] Se cada povo não viver no interior do quadro das suas fronteiras nacionais, formadas pela língua e pela raça, se a questão nacional não estiver resolvida, não poderá existir o clima histórico necessário ao desenvolvimento normal de um movimento de classe»³⁹. Com igual inspiração Mussolini proclamou dois meses mais tarde: «Os revolucionários afirmam que a Internacional só poderá existir quando os povos tiverem atingido as suas fronteiras. É por isso que somos partidários de uma guerra de carácter nacional»⁴⁰. Neste

³⁷ Id., *ibid.*, 32, 140, 171 e segs.

³⁸ P. Milza (1999) 174; Z. Sternhell et al. (1994) 140, 175, 205.

³⁹ Citado em Z. Sternhell et al. (1994) 205.

⁴⁰ O manifesto de Mussolini de Dezembro de 1914, *Contro la Neutralità*, encontra-se citado em G. S. Spinetti (org. 1938) 49.

contexto devemos meditar nas palavras de Engels ao escrever, numa carta endereçada a Kautsky em 7 de Fevereiro de 1882, que o movimento socialista só se desenvolve depois de a nação se ter unificado e adquirido a independência⁴¹. A filiação directa de um aspecto crucial da génese do fascismo numa tese sustentada pelo ilustre co-fundador do comunismo moderno confirma que a conversão da luta de classes em luta de nações abriu a brecha teórica e prática onde o fascismo se instalou. Não era sem razão que os membros do Fascio Rivoluzionario d’Azione Internazionalista asseguravam a fidelidade aos mestres quando justificavam o seu pretenso carácter revolucionário com a ambição de aproveitar a guerra para levar a Itália até aos sonhados limites históricos. E neste extremo nacionalismo eles não viam qualquer paradoxo em apelar para uma acção internacionalista, porque a entendiam enquanto participação no conflito, ao lado dos soldados de outros países. Nisto tudo, a classe trabalhadora pouco importava já aos sindicalistas revolucionários, que se erigiam agora em vanguarda de massas muito mais amplas, de toda a população do país, e se lançavam num combate de escopo muitíssimo mais vasto, não uma simples greve geral, mas uma guerra total. A estratégia de Enrico Corradini encontrara, enfim, os seus executantes.

⁴¹ P. W. Blackstock et al. (orgs. 1952) 116-117.

Referências

Gaetano ARFE (1967) «Italie: Les Socialistes, l'Éthiopie et la Libye», em Georges Haupt e Madeleine Rebérioux (orgs.) *La Deuxième Internationale et l'Orient*, Paris: Cujas.

Paul W. BLACKSTOCK e Bert F. HOSELITZ (orgs. 1952) *The Russian Menace to Europe, by Karl Marx and Friedrich Engels*, Glencoe: Free Press.

Guido BORTOLOTTI (1938) *Storia del Fascismo*, Milão: Ulrico Hoepli.

Georges GUY-GRAND (1911) *La Philosophie Syndicaliste*, Paris: Bernard Grasset.

Adrian LYTTTELTON (1982) *La Conquista del Potere. Il Fascismo dal 1919 al 1929*, Roma e Bari: Laterza.

Charles S. MAIER (1988) *La Refundación de la Europa Burguesa. Estabilización en Francia, Alemania e Italia en la Década Posterior a la I Guerra Mundial*, Madrid: Ministerio de Trabajo y Seguridad Social.

Pierre MILZA (1999) *Mussolini*, [Paris]: Fayard.

Franz NEUMANN (1943) *Behemoth. Pensamiento y Acción en el Nacional-Socialismo*, México: Fondo de Cultura Económica.

George ORWELL (1998) *My Country Right or Left, and other Selected Essays and Journalism*, Londres: The Folio Society.

Jacques PLONCARD D'ASSAC (1971) *Doctrinas del Nacionalismo*, Barcelona: Acervo.

Manuel RIBEIRO [1930] *Novos Horizontes. Democracia Cristã*, Lisboa: Guimarães.

Joseph ROSSI (1946) «Pre-Fascist Italian Political Thought», em Joseph S. Roucek (org.) *Twentieth Century Political Thought*, Nova Iorque: Philosophical Library.

Salvatore SALADINO (1965) «Italy», em Hans Rogger e Eugen Weber (orgs.) *The European Right. A Historical Profile*, Berkeley e Los Angeles: University of California Press.

Enzo SANTARELLI (1981) *Storia del Fascismo*, 2 vols., Roma: Editori Riuniti.

G. SOREL, E. BERTH, H. LAGARDELLE, S. PA[N]JUNZIO, V. GRIFFUELHES, P. DELESALLE e E.

POUGET (1978) *Sindicalismo Revolucionario*, Madrid e Gijón: Júcar.

G. S. SPINETTI (org. 1938) *Mussolini. Spirito della Rivoluzione Fascista*, Milão: Ulrico Hoepli.

Zeev STERNHELL (1978) *La Droite Révolutionnaire, 1885-1914. Les Origines Françaises du Fascisme*, Paris: Seuil.

Zeev STERNHELL, Mario SZNAJDER e Maia ASHERI (1994) *The Birth of Fascist Ideology. From Cultural Rebellion to Political Revolution*, Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press.

Palmiro TOGLIATTI (1971) «Huit Leçons», *Recherches Internationales à la Lumière du Marxisme*, XI, nº 68.

Gioacchino VOLPE (1941) *História do Movimento Fascista*, Roma: Novissima (ano XIX).

II

Da Autonomia dos Trabalhadores ao Fascismo

A conjugação do proletariado com a nação, pensada à direita, não teria conseguido uma realidade prática sem que, à esquerda, se tivesse desenvolvido uma teoria da vanguarda revolucionária enquanto nova elite.

Em 1906, nas *Réflexions sur la Violence*, Georges Sorel escreveu: «[...] procurámos mostrar que uma nova cultura poderia sair das lutas travadas pelos sindicatos revolucionários contra os patrões e contra o Estado; a nossa maior originalidade consiste em ter defendido que o proletariado se pode emancipar sem lhe ser necessário recorrer aos ensinamentos dos profissionais burgueses da inteligência. E somos assim levados a considerar como essencial nos fenómenos contemporâneos o que outrora era considerado como acessório: aquilo que é verdadeiramente educativo para um proletariado revolucionário que faz a sua aprendizagem na luta»⁴². Encontra-se aqui claramente enunciada a precedência das formas da luta relativamente ao

⁴² G. Sorel (1936) 51-52.

seu conteúdo, ou seja, a primazia do carácter pedagógico da luta relativamente às reivindicações imediatas. E se recordarmos que Sorel escrevia em França sob a Terceira República, essa «*république des professeurs*» («república dos professores»)⁴³, para usar a fórmula de Albert Thibaudet, crítico literário que se celebrizaria alguns anos depois, maior valor devemos dar à tese de que a superestrutura cultural dos trabalhadores se forma a partir da luta autónoma, e não por herança de um saber legado por mestres. «[...] eu fundo a moral dos produtores não numa educação estética transmitida pela burguesia, mas nos sentimentos desenvolvidos pelas lutas que os trabalhadores travam contra os seus patrões»⁴⁴. Ambos os aspectos, o das formas de luta e o da cultura, encontram-se combinados numa passagem lapidar. A única função dos socialistas, afirmou Sorel, «consiste em ocupar-se do proletariado para lhe explicar a grandeza do papel revolucionário que lhe cumpre desempenhar. É necessário, através de uma crítica incessante, levá-lo a aperfeiçoar as suas organizações. É necessário indicar-lhe a maneira de desenvolver formações embrionárias que aparecem nas suas sociedades de resistência, para que possa finalmente construir instituições que não encontrem qualquer modelo na história da

⁴³ Com efeito, segundo um estudo de Mattei Dogan referido por T. B. Bottomore (1967) 85, dos cerca de seis mil deputados que ocuparam os lugares do parlamento francês entre 1871 e 1958, nas Terceira e Quarta Repúblicas, mais de metade era composta por intelectuais, ou seja, professores universitários e do ensino elementar, cientistas, engenheiros, advogados, escritores e jornalistas.

⁴⁴ G. Sorel (1936) 54.

burguesia, para que forme ideias que dependam unicamente da sua situação de produtor da grande indústria e que nada devam ao pensamento burguês, e para que adquira hábitos de liberdade, que a burguesia hoje já esqueceu completamente»⁴⁵. Sorel nem desconhecia a génese («formações embrionárias»), durante a luta («nas [...] sociedades de resistência»), de relações sociais de um tipo novo («instituições que não encontr[a]m qualquer modelo na história da burguesia»), nem ignorava que a partir daí se desenvolvem uma nova ideologia e novos comportamentos. «[...] a revolução será absoluta e sem emenda, porque terá como efeito pôr as forças produtivas à disposição de homens livres, quer dizer, de homens que sejam capazes de se comportar na oficina criada pelo capitalismo sem terem necessidade de chefes»⁴⁶.

Alguns anos depois estas noções foram retomadas com igual vigor em *Les Illusions du Progrès*. Avaliando muito acertadamente que a estabilidade da burguesia ficava consolidada graças ao funcionamento dos mecanismos da mobilidade social ascendente, Georges Sorel considerou que estes mecanismos eram facilitados pelo sistema de instrução popular promovido pela classe dominante e concluiu que era funesta para o proletariado a submissão ao sistema educacional burguês⁴⁷. «Não é arriscado afirmar que não

⁴⁵ Id., *ibid.*, 113-114.

⁴⁶ Id., *ibid.*, 240.

⁴⁷ Id. (1947) 122-123. A primeira edição desta obra data de 1908, mas a segunda edição, que foi objecto de vários acrescentos e modificações e que

poderão ser úteis para o proletariado os tipos de educação destinados a fazer com que o povo participe em formas de raciocínio oriundas da antiga nobreza e adoptadas pela burguesia. [...] Todos os nossos esforços devem procurar impedir que as ideias burguesas venham envenenar a classe em ascensão»⁴⁸. E, tal como o havia feito na obra anterior, Sorel apelou para que os trabalhadores desenvolvessem uma pedagogia nova, baseada nas suas instituições próprias. «[...] tanto os meus amigos como eu não nos temos cansado de insistir para que as classes operárias não sigam os caminhos traçados pela ciência e pela filosofia burguesas. O mundo sofrerá uma grande mudança no dia em que o proletariado adquirir, tal como a burguesia adquiriu a seguir à revolução [francesa], a noção de que é capaz de pensar a partir das suas próprias condições de vida. [...] Já dissemos inúmeras vezes que o proletariado possui um sistema de instituições que lhe é tão próprio como o regime parlamentar o é para a burguesia. É do movimento sindical que pode provir a emancipação intelectual que há-de desembaraçar as classes operárias de qualquer respeito pelas balelas burguesas»⁴⁹.

Na verdade, a noção de que a origem do socialismo reside nas relações sociais desenvolvidas na luta é bastante anterior às *Réflexions sur la Violence* e a *Les Illusions du*

inclui o Apêndice I, data de 1910; posteriormente o autor acrescentou o Apêndice II, escrito em 1920.

⁴⁸ Id., *ibid.*, 60, 285-286.

⁴⁹ Id., *ibid.*, 135-136.

Progrès, e cumpre lembrar neste contexto Louis-Eugène Varlin. Mas Varlin, as ideias que ele defendeu e a prática que ele representou haviam sido em boa medida sepultados na hecatombe da Comuna derrotada, e mesmo que se veja no Parti Socialiste Ouvrier Révolutionnaire (PSOR, Partido Socialista Operário Revolucionário), sob a direcção de Jean Allemane, um herdeiro daquela estratégia pedagógica dos conflitos sociais⁵⁰, a diferença era muito grande entre uma formação apesar de tudo burocrática e parlamentar e o desprezo pelos meios convencionais de acção política que caracterizava Sorel e os seus discípulos. Prosseguir e ampliar, na década inicial do século XX, uma reflexão revolucionária baseada no carácter pedagógico das lutas implicava uma ruptura drástica com a inércia dos sindicatos e dos partidos da Segunda Internacional. Sorel promotor da autonomia da classe trabalhadora e antecipador dos temas difundidos durante a Revolução Cultural chinesa?

Antes de responder a esta questão vejamos o que pensava sobre a autonomia do movimento operário Hubert Lagardelle, director de *Le Mouvement Socialiste*, a quem Sorel considerava, junto com Berth, «os representantes mais autorizados do sindicalismo revolucionário»⁵¹. Para Lagardelle a acção dos sindicalistas revolucionários devia converter as lutas numa prática pedagógica. «Os sindicatos por categoria

⁵⁰ D. Ligou (1962) 78-84.

⁵¹ G. Sorel, «El Sindicalismo Revolucionario», em id. et al. (1978) 14.

profissional, através das lutas quotidianas contra os patrões, travadas no próprio campo da produção, constituem um poderoso factor educativo, do mesmo modo que as cooperativas na esfera do consumo. A classe operária aumenta por si própria, graças ao seu esforço persistente e à sua vontade pessoal, a sua capacidade técnica. Prepara-se naturalmente para a função que lhe cabe. Não tem qualquer necessidade [...] de se instalar no cerne do regime capitalista. Fora deste regime, e em oposição a ele, é plenamente capaz de alcançar o seu completo aperfeiçoamento»⁵². Ora, uma luta que constituía ao mesmo tempo uma pedagogia tinha necessariamente de ser criadora de instituições. «O sindicalismo parte deste postulado: o que diferencia as classes sociais são as suas instituições e as suas concepções jurídicas, políticas e morais. Cada classe cria, em relação com a sua estrutura económica, os seus próprios órgãos de luta, afirmando deste modo a sua noção particular de direito». Por isso o objectivo de cada uma das classes em luta era «impor à sociedade a sua “ideia” própria e as instituições que lhe servem de base»⁵³. Tratava-se, para o proletariado, de formas sociais inteiramente novas, em ruptura radical com o capitalismo. «O socialismo é elaborado pouco a pouco pela classe operária, organizada revolucionariamente nas suas

⁵² H. Lagardelle, «Los Caracteres Generales del Sindicalismo», em G. Sorel et al. (1978) 75-76. Esta antologia publica os textos sem data, mas pela referência ao ministério Combes vê-se que o artigo de Lagardelle foi escrito entre 1902 e 1905.

⁵³ Id., *ibid.*, 53.

instituições económicas. É a luta quotidiana que o proletariado se vê obrigado a sustentar contra todas as hierarquias, todas as autoridades, todas as crenças do mundo burguês, que lhe permite construir ao mesmo tempo que destrói. Não aspira a tomar nada à ordem capitalista, pois o seu papel essencial consiste em produzir criações originais»⁵⁴. Ou, com um fôlego mais sintético: «O que acima de tudo importa é a acção prática, criadora de instituições e de ideias»⁵⁵. Era esta a profunda novidade histórica, prosseguida no quadro do sindicalismo. «O grande facto revolucionário dos tempos modernos não consiste tanto na formação pela grande indústria de um proletariado crescente como na criação por este proletariado de uma série de instituições próprias, opostas às instituições do regime capitalista. No interior dos seus sindicatos e das suas cooperativas, a classe operária exprime as suas maneiras de pensar e elabora novas regras de vida, de moral e de direito»⁵⁶. E Lagardelle repetiu mais tarde, em 1908: «Não se pode destruir uma sociedade servindo-se dos órgãos que têm como missão conservá-la, [porque] qualquer classe, para se emancipar, tem de criar órgãos próprios»⁵⁷.

⁵⁴ Id., *ibid.*, 68-69.

⁵⁵ Id., *ibid.*, 61.

⁵⁶ Id., *ibid.*, 78. Noutra passagem do mesmo artigo escreveu Lagardelle: «O movimento operário, [...] ao organizar os operários no campo económico, [...] cria novas formas de vida sobre princípios proletários, que podem ser mais ou menos os de uma sociedade socialista. O triunfo do socialismo está, assim, subordinado ao desenvolvimento do movimento operário [...]» — *id.*, *ibid.*, 70.

⁵⁷ Citado em Z. Sternhell (1978) 339.

Um pesquisador das origens do fascismo elucidou: «É esta a razão por que o sindicalismo revolucionário se dedicou a desenvolver os “instintos de revolta” dos proletários. [...] Toda a originalidade deste sindicalismo residia, para os seus ideólogos, nessa criação de instituições proletárias, geradoras de um mundo novo, de uma nova realidade humana». E acrescentou: «Lagardelle insurge-se contra a escola enquanto meio de ascensão social e de integração intelectual do proletariado, e ridiculariza o “espírito igualitário” da “democracia avançada”, cujo objectivo é transformar em “aliados da classe inimiga” operários educados na escola da burguesia e “atafuhados de ciência indigesta”. Só “separando-se completamente do mundo burguês é que o mundo operário conseguirá descobrir as suas concepções novas da moral e do direito”». O mesmo autor recordou ainda as «inumeráveis advertências proferidas pelo director de *Le Mouvement Socialiste*, com o objectivo de incitar o proletariado contra qualquer tentativa de mobilização nas disputas em que se enfrentam as várias facções da burguesia»⁵⁸.

As mesmas teses foram defendidas por Édouard Berth, outro dos discípulos de Sorel, o mais duradouro e persistente de todos. «A acção directa», escreveu Berth em 1908 em *Les Nouveaux Aspects du Socialisme*, «é a glorificação da autonomia de todas as forças operárias; o sindicalismo faz apelo à energia, à iniciativa, à

⁵⁸ Id., *ibid.*, 339-340.

audácia de cada trabalhador»⁵⁹. Para ele, «a ideia essencial» do sindicalismo revolucionário era a de que os trabalhadores não podiam usar o Estado em seu benefício; «por conseguinte, o triunfo da classe operária só pode realizar-se através da destruição do Estado, da sua decomposição ou reabsorção no seio dos organismos operários»⁶⁰. Como o Estado é um prolongamento do capitalismo e ele próprio se tornou patrão, «entre a classe capitalista e a classe operária já não existem intermediários: a luta é um corpo a corpo, uma *acção directa*»⁶¹. «O sindicalismo é a glorificação da liberdade operária, da autonomia operária», e nisto se resumia, para Berth, a «acção directa»⁶². Ficaríamos deste modo «em presença de *uma classe*, de uma personalidade complexa, de uma colectividade espiritual, plenamente autónoma, ditando a si própria a sua lei, sem alienar o seu poder nas mãos de nenhum chefe, de nenhum estado-maior, de nenhuma facção, em suma, de *nenhum Estado*»⁶³.

Sorel não foi, portanto, um caso isolado. Ter-se-ia ele incluído, com Lagardelle, Berth e os demais sindicalistas revolucionários, entre os defensores da autonomia da classe trabalhadora?

Sorel e tantos outros promotores do sindicalismo revolucionário, em França como na Itália, foram pioneiros do fascismo. As palavras valem o que valem e as denominações são

⁵⁹ E. Berth (1923) 67.

⁶⁰ Id., *ibid.*, 52.

⁶¹ Id., *ibid.*, 65.

⁶² Id., *ibid.*, 56-57.

⁶³ Id., *ibid.*, 69.

convencionais, mas quando os usos se tornam ambíguos e as convenções fluidas, impõem-se alguns esclarecimentos. Ao mencionar os sindicalistas revolucionários não me refiro aqui ao conjunto daquelas correntes, muito difundidas na Confédération Générale du Travail (CGT, Confederação Geral do Trabalho) francesa antes da primeira guerra mundial, que afirmavam a independência dos organismos sindicais perante o Estado burguês e perante os vários partidos socialistas ou, depois da unificação, perante a Section Française de l'Internationale Ouvrière (SFIO, Secção Francesa da Internacional Operária ou seja, na realidade, o Partido Socialista francês). Um autor da época, que sabia do que falava, atribuiu a essas correntes «talvez metade das forças sindicais»⁶⁴. Mas na acepção em que emprego os termos, para designar Sorel e os seus discípulos, os sindicalistas revolucionários constituíram apenas uma das tendências daquele tipo de sindicalismo. Em Setembro de 1908 Georges Sorel suspendeu a colaboração com *Le Mouvement Socialiste*⁶⁵ e em 1909, três anos depois da primeira publicação das *Réflexions sur la Violence* e passado apenas um ano sobre a primeira edição de *Les Illusions du Progrès*, ele aderiu à Action Française (Acção Francesa), o partido monárquico que então dominava com a sua influência a extrema-direita radical em França, e começou a tomar posições públicas hostis aos

⁶⁴ A. Milhaud [s. d.] 150.

⁶⁵ Y. Guchet (2001) 98.

judeus⁶⁶. Ao mesmo tempo, através do grande número de contactos que mantinha do lado de lá dos Alpes⁶⁷, Sorel deu uma contribuição de vulto para a convergência entre o sindicalismo revolucionário italiano e o nacionalismo expansionista de Corradini, o que o situa na génese directa do fascismo, tanto mais que ele se apercebera das potencialidades de um Mussolini ainda jovem e socialista.

Num artigo publicado no final de 1940, Pierre Drieu la Rochelle observou que o movimento iniciado por Sorel perecera em França com a primeira guerra mundial e só encontrara continuidade na Itália, graças a Mussolini⁶⁸. «É um italiano do século XV, um *condottiero*», comentara Sorel a respeito do futuro Duce, acrescentando que era «o único homem capaz de remediar as fraquezas do governo»⁶⁹. E, além de o ter creditado com uma descoberta que pertence de facto a Corradini, escrevendo que «ele inventou algo que

⁶⁶ Z. Sternhell et al. (1994) 78 e segs., 85-86.

⁶⁷ Sorel previa que o sindicalismo revolucionário encontrasse em Itália um campo de desenvolvimento especialmente favorável. Ver G. Sorel et al. (1978) 22. Com efeito, em 1923 Berth pôde escrever «não esqueçamos que Sorel e as ideias sindicalistas são ainda mais populares em Itália» e «a Itália tem o direito de reclamar Sorel tanto quanto, se não mais do que, a França». Ver E. Berth (1923) 27 e 29. Acerca da popularidade de Sorel na Itália ver também J. Rossi (1946) 565.

⁶⁸ P. Sérant (1959) 69.

⁶⁹ Citado em G. Bortolotto (1938) 18 n. 2. Ver igualmente G. Seldes (1935) 24. Também um inspector-geral da polícia, num relatório secreto dirigido em 1919 ao primeiro-ministro, admitia que Mussolini pudesse tornar-se «um *condottiero*, um *meneur* temível». Citado em P. C. Masini (1999) 17. É curioso que Salazar tivesse procedido à mesma comparação, mas em sentido crítico, quando classificou o Duce como um «italiano descendente dos *condottieri* da Idade Média». Ver A. Ferro (1933) 74. Se soubessem um pouco mais de história, porém, equiparariam Mussolini a um *podestà*.

não está nos meus livros, a união do nacional e do social», Sorel viu em Lenin a única figura política a quem Mussolini podia ser comparado⁷⁰. O elogio não era de desprezar, porque depois de ter passado da esquerda mais iconoclástica para a direita mais ousada Georges Sorel continuara a reflectir a partir daí as vertentes radicais do movimento operário e em 1917 declarara-se adepto da acção dos bolchevistas na Rússia⁷¹. Parece que, em privado, ele manifestaria mais tarde reservas quanto à actuação dos Fasci, e morreu antes de ter tido tempo para lhes apreciar a experiência governativa. Mas as ideias, como tantas vezes sucede, subjugaram com o seu peso o próprio criador, e não foi decerto um acaso que nos últimos anos de vida Sorel apoiasse publicamente as ambições do imperialismo italiano no Adriático e nunca tentasse impedir a promoção de que ele mesmo era alvo por parte dos fascistas. A sua crítica ao movimento fascista só seria divulgada numa edição póstuma⁷².

Mussolini, aliás, que desde os anos inaugurais do século XX sofrera tão fortemente a influência do sindicalismo revolucionário⁷³, reconheceu em Georges Sorel um dos seus principais inspiradores⁷⁴. «[...] na grande corrente do

⁷⁰ Citado em P. Milza (1999) 277.

⁷¹ Z. Sternhell (1978) 347, 372, 391, 414.

⁷² Acerca do apoio pelo menos tácito dado por Sorel ao movimento de Mussolini ver E. Santarelli (1981) I 99 e Z. Sternhell et al. (1994) 26.

⁷³ P. Milza (1999) 67, 83, 105; E. Santarelli (1981) I 49, 52; Z. Sternhell et al. (1994) 33, 196.

⁷⁴ D. Guérin (1969) II 162; Z. Sternhell et al. (1994) 199. Numa obra de 1928, Croce mencionou «a teoria da violência de Sorel» entre os elementos formadores da ideologia de Mussolini. Citado em P. C. Masini (1999) 26. E

fascismo», escreveu ele, «encontrareis os filões que partiram de Sorel, de Péguy, de Lagardelle, de *Le Mouvement Socialiste* [...]»⁷⁵. Por seu lado, Lucien Rebatet evocou igualmente Sorel e Lagardelle, além de Renan e Maurras, entre os formadores de Mussolini⁷⁶, e um dos ideólogos de maior projecção do fascismo italiano acentuou a inspiração soreliana do Duce⁷⁷. Com efeito, em 1908 Mussolini publicara, numa revista de que era director, a tradução de um artigo de Sorel⁷⁸ e no ano seguinte escreveu uma recensão da tradução italiana das *Réflexions sur la Violence*, elogiando o mestre porque «graças aos seus livros fomos levados a compreender melhor o marxismo, que nos chegara da Alemanha num estado irreconhecível»⁷⁹. Apesar do papel secundário que os sindicatos ocuparam sempre no fascismo italiano, substituídos em grande medida pelas milícias no que tocava à mobilização e ao enquadramento dos trabalhadores, o sindicalismo revolucionário foi desde o primeiro até ao último momento um dos principais ingredientes do discurso de Mussolini, indispensável a essa

devemos dar algum peso a esta opinião porque, segundo M. Lane (2003) 325, Croce fora amigo de Sorel. Note-se que, embora incluisse (pág. 17) Sorel entre as fontes de inspiração filosófica de Mussolini, G. Lukács (1980) 32 considerou que a sua relação com o fascismo italiano foi «muito mais ténue e formal» do que a relação do irracionalismo filosófico germânico com o nacional-socialismo.

⁷⁵ B. Mussolini (1935) 17-18, reproduzido em Ch. F. Delzell (org. 1971) 96-97. Ver também G. S. Spinetti (org. 1938) 240. Note-se ainda, como indicou G. Guy-Grand (1911) 9, que Charles Péguy fora um admirador de Sorel.

⁷⁶ L. Rebatet (2007) 66.

⁷⁷ G. Gentile (1929) 29, 58.

⁷⁸ P. Milza (1999) 112.

⁷⁹ B. Mussolini (1951) 167.

encenação de mitos a que se resumiu o fascismo⁸⁰. Num âmbito incomparavelmente mais modesto e de escassas repercussões, alguém que durante breves anos foi o nome destacado do fascismo radical português confessou, muito tempo depois: «Sorel é para mim o grande mestre. Foi ele que fez talvez tudo»⁸¹.

Édouard Berth acompanhou Sorel na evolução do sindicalismo revolucionário para a Action Française, onde sobressaiu numa das experiências que anteciparam o fascismo. Mas em 1920 encontramo-lo filiado no Partido Comunista, e embora nos anos seguintes começasse a fazer-se ouvir na extrema-esquerda o eco dos temas do nacionalismo, que permitiria ao nacional-bolchevismo dar a réplica aos apologistas da nação proletária, tal evolução — paradoxalmente — não seduziu Berth, que em 1923 reeditou uma obra onde fizera críticas veementes não só ao nacionalismo mas ao patriotismo⁸². Em 1925 ele afastou-se dos comunistas e voltou às raízes sorelianas, zelando até ao final da vida por uma memória extinta, que já só vivia incorporada em correntes com outra existência e outras dimensões⁸³. Édouard Berth só foi capaz de sair do fascismo para sair da história.

Em contrapartida, Hubert Lagardelle manteve-se até ao fim no âmago dos acontecimentos. Ele

⁸⁰ E. Santarelli (1981) I 96-97, 564-565.

⁸¹ Rolão Preto em entrevista a J. Medina (1978) 187.

⁸² Em 1908, em *Les Nouveaux Aspects du Socialisme*, Berth atacara com vigor Jules Guesde por ser um patriota à maneira dos jacobinos. Ver E. Berth (1923) 46-49.

⁸³ Z. Sternhell (1978) 347, 372, 384; id. et al. (1994) 92-93.

iniciara-se bastante cedo na vida política como marxista ortodoxo, militando no partido de Jules Guesde, mas o contacto com Sorel precipitou-o para uma postura mais radical, e no último ano do século XIX Lagardelle fundou *Le Mouvement Socialiste*, o principal órgão do sindicalismo revolucionário, onde escreveram intelectuais de renome e várias figuras cimeiras da esquerda europeia. Em 1909, quando Sorel e alguns dos seus discípulos começaram a colaborar com o partido de Maurras, a Action Française, não só Lagardelle mas os demais redactores do seu jornal repudiaram esta orientação e no ano seguinte romperam com o mestre. Teríamos encontrado, então, o promotor de uma alternativa coerente, ao mesmo tempo radical e anticapitalista?

Com efeito, era Lagardelle quem, na tribuna dos congressos do Partido Socialista, tomava a palavra para defender com intransigência as posições do sindicalismo revolucionário e as teses do congresso sindical de Amiens. Mas nada é simples na história desta época e nos personagens que lhe deram corpo. Pouco depois de se ter afastado de Sorel, Lagardelle descobriu as virtudes da democracia representativa e juntou-se, com o jornal que dirigia, à ala moderada do socialismo. Durante a Grande Guerra e nos anos seguintes, quando a efervescência social atingiu o auge e explodiu por toda a Europa, Lagardelle manteve-se alheio a estas questões vitais, dedicando-se à política regional numa cidade média de província. Deve ter aproveitado este hiato para reflectir

—

muito, porque em 1926 vemo-lo militar, embora num plano secundário, no Faisceau, um dos primeiros partidos mussolinianos criados fora da Itália, o que não o impediu de frequentar simultaneamente a embaixada soviética e de visitar aí o seu amigo dos velhos tempos do socialismo, o embaixador Khristian Rakovsky, figura de proa da oposição trotskista. Em 1931 Lagardelle começou a aparecer num lugar de destaque na nova extrema-direita radical, promovendo um fascismo modernista e tecnocrático, e em 1933, a convite de Henry de Jouvenel, aceitou o posto de conselheiro para as questões sociais na embaixada francesa em Roma. Não nos pode espantar que, quase septuagenário, em Abril de 1942, Lagardelle tivesse sido nomeado ministro do Trabalho no governo colaboracionista de Vichy. A sua principal função consistiu em fornecer aos ocupantes nazis uma abundante mão-de-obra sujeita ao regime de trabalho forçado, o que mostra que se pode começar defendendo a autonomia e acabar praticando a escravatura. Depois da vitória aliada, Lagardelle foi preso, julgado e condenado a trabalhos forçados perpétuos⁸⁴, um excelente exemplo de justiça retributiva.

⁸⁴ P. Broué (1996) 243; P. Novick (1985) 283; P. Ory (1976) 143-144; R. O. Paxton (1973) 260; Z. Sternhell et al. (1994) 88, 94-99.

Referências

Édouard BERTH (1923) *Les Derniers Aspects du Socialisme. Édition Revue et Augmentée des «Nouveaux Aspects»*, Paris: Marcel Rivière.

Guido BORTOLOTTO (1938) *Storia del Fascismo*, Milão: Ulrico Hoepli.

T. B. BOTTOMORE (1967) *Élites et Société*, Paris: Stock.

Pierre BROUÉ (1996) *Rakovsky ou la Révolution dans tous les Pays*, [Paris]: Fayard.

Charles F. DELZELL (org. 1971) *Mediterranean Fascism, 1919-1945*, Nova Iorque: Walker.

António FERRO (1933) *Salazar. O Homem e a sua Obra*, [s. l.]: Empresa Nacional de Publicidade.

Giovanni GENTILE (1929) *Origini e Dottrina del Fascismo*, Roma: Littorio.

Yves GUCHET (2001) *Georges Valois. L'Action Française, le Faisceau, la République Syndicale*, Paris: L'Harmattan.

Daniel GUÉRIN (1969) *Sur le Fascisme*, vol. I: *La Peste Brune*, vol. II: *Fascisme et Grand Capital*, Paris: François Maspero.

Georges GUY-GRAND (1911) *La Philosophie Syndicaliste*, Paris: Bernard Grasset.

Melissa LANE (2003) «Positivism: Reactions and Developments», em Terence Ball e Richard Bellamy (orgs.) *The Cambridge History of Twentieth-Century Political Thought*, Cambridge: Cambridge University Press.

Daniel LIGOU (1962) *Histoire du Socialisme en France (1871-1961)*, Paris: Presses Universitaires de France.

Georg LUKÁCS (1980) *The Destruction of Reason*, Londres: The Merlin Press.

Pier Carlo MASINI (1999) *Mussolini. La Maschera del Dittatore*, Pisa: Biblioteca Franco Serantini.

João MEDINA (1978) *Salazar e os Fascistas. Salazarismo e Nacional-Sindicalismo. A História dum Conflito, 1932/1935*, Lisboa: Bertrand.

Albert MILHAUD [s. d.] *La Lutte des Classes à travers l'Histoire et la Politique*, Paris: Librairie Scientifique et Philosophique.

Pierre MILZA (1999) *Mussolini*, [Paris]: Fayard.

Benito MUSSOLINI (1935) *A Doutrina do Fascismo*, Florença: Vallecchi.

Benito MUSSOLINI (1951) «Lo Sciopero Generale e la Violenza», em Edoardo Susmel e Duilio Susmel (orgs.) *Opera Omnia di Benito Mussolini*, vol. II: *Il Periodo Trentino verso la Fondazione de "La Lotta di Classe" (6 Febbraio 1909 – 8 Gennaio 1910)*, Florença: La Fenice.

Peter NOVICK (1985) *L'Épuration Française, 1944-1949*, [s. l.]: Balland.

Pascal ORY (1976) *Les Collaborateurs, 1940-1945*, Paris: Seuil.

Robert O. PAXTON (1973) *La France de Vichy, 1940-1944*, Paris: Seuil.

Lucien REBATET (2007) *Lés Mémoires d'un Fasciste*, vol. II: *1941-1947*, [s. l.]: Pilon (<http://www.vho.org/aaargh/fran/livres10/Rebatet2.pdf>).

Joseph ROSSI (1946) «Pre-Fascist Italian Political Thought», em Joseph S. Roucek (org.) *Twentieth Century Political Thought*, Nova Iorque: Philosophical Library.

Enzo SANTARELLI (1981) *Storia del Fascismo*, 2 vols., Roma: Editori Riuniti.

George SELDES (1935) *Sawdust Caesar. The Untold History of Mussolini and Fascism*, Nova Iorque e Londres: Harper & Brothers.

Paul SÉRANT (1959) *Le Romantisme Fasciste. Étude sur l'Oeuvre Politique de quelques Écrivains Français*, Paris: Fasquelle.

Georges SOREL (1936) *Réflexions sur la Violence* (8ª ed., incluindo *Plaidoyer pour Lénine*), Paris: Marcel Rivière.

G. SOREL, E. BERTH, H. LAGARDELLE, S. PA[N]JUNZIO, V. GRIFFUELHES, P. DELESALLE e E. POUGET (1978) *Sindicalismo Revolucionario*, Madrid e Gijón: Júcar.

G. S. SPINETTI (org. 1938) *Mussolini. Spirito della Rivoluzione Fascista*, Milão: Ulrico Hoepli.

Zeev STERNHELL (1978) *La Droite Révolutionnaire, 1885-1914. Les Origines Françaises du Fascisme*, Paris: Seuil.

Zeev STERNHELL, Mario SZNAJDER e Maia ASHERI (1994) *The Birth of Fascist Ideology. From Cultural Rebellion to Political Revolution*, Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press.

III

Do Vanguardismo a Uma Teoria das Elites

Foram muitos os expoentes da ala mais extrema do movimento operário, anarquistas, sindicalistas revolucionários, colaboradores de *Le Mouvement Socialiste*, de *La Guerre Sociale*, de *La Terre Libre*, que no combate contra a democracia liberal acabaram por abandonar a perspectiva de uma autonomia social e política da classe trabalhadora e por se identificar com as posições da direita autoritária. Talvez se possa admitir que Gustave Hervé, o internacionalista, anticolonialista e antimilitarista que dirigia e animava *La Guerre Sociale*, tivesse chegado em 1911 a um qualquer acordo com as autoridades para aliviar as agruras da prisão e que a partir de então fosse obrigado a pôr ao serviço da direita mais extrema o mesmo activismo que antes o situara na esquerda intransigente⁸⁵. Este tipo de detalhes, porém, nada

⁸⁵ Acerca do percurso político de Gustave Hervé, que passou do anarquismo antimilitarista para a apologia do exército e do fascismo, ver Z. Sternhell et al. (1994) 243-245. Nas suas Memórias, Joseph Caillaux (1942-1947) II 84 contou que em 1911, durante o período em que chefiara o governo, ordenara a transferência de Hervé «da prisão da Santé, onde cumpria uma pena a que estava condenado e onde, beneficiando do regime dos presos políticos, tinha liberdade e ensejo de conversar diariamente com os seus auxiliares, para a prisão central de Clairvaux, onde deixou de lhe ser possível comunicar com o exterior. Esta actuação decidida deu bons resultados. Gradualmente o tom do jornal [*La Guerre Sociale*] tornou-se mais moderado. [...] Hervé não

explica, já que não se tratou aqui da mudança de pessoas, mas de grupos políticos e ideológicos providos de uma estrutura interna coerente. Aliás, relatórios da polícia indicam que já no final da primeira década do século XX *La Guerre Sociale* teria mantido ligações com o partido da extrema-direita Action Française (Acção Francesa)⁸⁶ e em 1894 e 1895 o jornal *La Cocarde* conjugara pela primeira vez na extrema-esquerda francesa os temas socialistas e nacionalistas⁸⁷. Ao mesmo tempo, a hostilidade aos judeus ia-se consolidando nos meios anarquistas⁸⁸, já que o anti-semitismo combinava a rejeição de uma cultura considerada estranha à nação com o ódio à riqueza atribuída aos judeus. Perto do meio operário, e simultaneamente expressando simpatia pela ala populista da Action Française, o grupo reunido de 1909 até 1912 em torno da revista *Terre Libre*, que ostentava como subtítulo *Organe Syndical d'Action Directe*, conjugava também o anarquismo e o sindicalismo revolucionário com o nacionalismo anti-semita⁸⁹, a ponto de em 15 de Outubro de 1911 a *Terre Libre* ter publicado um artigo onde tomava posição contra o internacionalismo, bramando contra a concorrência exercida pela mão-de-obra

encetara ainda aquela evolução que, partindo do antimilitarismo, devia precipitá-lo no nacionalismo mais extremo, mas ia-se acalmando. A firmeza do governo tinha-lhe ministrado um salutar duche frio».

⁸⁶ Y. Guchet (2001) 95.

⁸⁷ E. Weber (1964) 130.

⁸⁸ Referindo-se aos meados da última década do século XIX, Y. Guchet (2001) 30 n. 61 afirmou que «nos meios anarquistas existia um sólido anti-semitismo».

⁸⁹ Z. Sternhell (1978) 279, 372, 385-390.

estrangeira e afirmando que ela resultava de uma invasão judaica sofrida pela França⁹⁰.

Este ambiente ideológico compreende-se melhor se observarmos a forma como evoluiu a agitação em torno da condenação do capitão Alfred Dreyfus. Iniciado como uma querela no interior da classe dominante, o *affaire Dreyfus* acabou por se converter na linha demarcatória de todas as opções políticas, obrigando a definirem-se como *dreyfusards* aqueles dirigentes socialistas, inicialmente hesitantes, que não quisessem juntar-se ao populismo anti-semita da extrema-direita. Como quase toda a esquerda, os sindicalistas revolucionários haviam colaborado no movimento em prol da revisão do processo. Quando Dreyfus foi completamente reabilitado, em Julho de 1906, a agitação laboral atingira proporções deveras ameaçadoras para as classes dominantes. Desde o início do século vinham a aumentar o número de greves, a quantidade de participantes e a duração média dos conflitos, culminando a mobilização no dia 1 de Maio de 1906⁹¹. Mas nos anos seguintes os trabalhadores depararam com uma fortíssima repressão, conduzida por aqueles mesmos personagens que o *affaire Dreyfus* instalara no poder, o que não espanta se soubermos que o general que comandara o massacre dos insurrectos da Comuna fora nomeado ministro da Guerra para reabilitar Dreyfus e reintegrá-lo no exército. E quando um

⁹⁰ H. Dubief (org. 1969) 215-216.

⁹¹ Z. Sternhell et al. (1994) 53.

secretário sindical foi condenado à morte por causa das violências cometidas durante uma greve no Havre, às quais ele se mantivera estranho, e as organizações operárias procuraram renovar em seu benefício a solidariedade que acabara de salvar o capitão Dreyfus, a burguesia liberal permaneceu indiferente e alheou-se da questão⁹².

Foi então, precisamente quando se tornou indubitável o confronto entre o movimento operário e a burguesia progressiva e quando parecia que ia ser afirmada a autonomia de classe dos trabalhadores e a especificidade dos seus interesses, que os sindicalistas revolucionários inverteram o rumo. Depois de terem atravessado pela extrema-esquerda o *affaire Dreyfus*, foram encontrar-se na extrema-direita com a Action Française, que durante o *affaire* havia denodadamente sustentado, contra a república parlamentar, a autoridade das instituições tradicionais. Ao lado das outras correntes que os acompanharam em tal percurso, os sindicalistas revolucionários mantiveram-se firmes na crítica à democracia representativa, e foi este o único elemento de continuidade numa viragem colectiva que teve como efeito transportar para a extrema-direita um radicalismo de actuação e uma audácia de pensamento que até então lhe haviam faltado⁹³. Levaram igualmente um conjunto de

⁹² Id. (1978) 322. Zeev Sternhell indicou que se tratava do secretário do Sindicato dos Carvoeiros do Havre, mas H. Dubief (org. 1969) 49 e 214 mencionou «o secretário dos estivadores do Havre» e «o estivador do Havre».

⁹³ Z. Sternhell (1978) 27.

preocupações sociais a que a grande parte dos conservadores insistia em manter-se alheia. Em troca, absorveram o anti-semitismo tradicional da direita francesa e puderam, além disso, reforçar o elitismo vanguardista que os caracterizara já na fase sindicalista, convertendo-o numa teoria autoritária das elites. Nos seus apelos à acção directa, os sindicalistas revolucionários haviam concebido a classe trabalhadora como a grande fonte de energia social, mas tinham também afirmado a necessidade de conduzir este dinamismo mediante a intervenção de vanguardas esclarecidas, de maneira a que as minorias radicais não ficassem aprisionadas pelo marasmo de uma base timorata. E agora, quando estavam definitivamente voltados para o autoritarismo, eles passaram a considerar as vanguardas como verdadeiras elites, com todas as consequências práticas e ideológicas daí decorrentes⁹⁴.

Nas mesmas páginas, aparentemente tão claras, em que expôs uma teoria sistemática da autonomia operária, Lagardelle sustentou, com não menos clareza, que a existência de diferenças entre as pessoas seria razão suficiente para a constituição de elites. «A partir do momento em que temos perante nós homens reais, operários que não possuem qualidades idênticas nem desenvolvem a mesma acção, produz-se necessariamente uma diferenciação entre eles. Os mais conscientes, os mais aptos para a defesa pessoal e a luta social, são os primeiros a agrupar-se, indicando aos restantes

⁹⁴ Id., *ibid.*, 328-330.

o caminho que devem seguir. Quer dizer, produz-se uma selecção e, sob o ponto de vista da evolução do proletariado, as formações assim criadas adquirem uma importância primordial». O alheamento da história é, em qualquer caso, o fundamento da teoria das elites. As diferenças circunstanciais entre vanguarda e base são congeladas fora da ocasião e do lugar em que surgiram, esquecendo que elas se extinguirão e se reorganizarão em novas diferenças à medida que a situação evoluir, e é a esta metafísica sem tempo nem espaço que as vanguardas de um instante recorrem para justificar a sua conversão em burocracias profissionais. À frente dos sindicatos as elites assumiriam, defendeu Lagardelle, a forma de uma burocracia estável, e no quadro das empresas apresentar-se-iam como uma tecnocracia de origem operária. «O que já se chamou tirania dos sindicatos não é mais do que a faculdade de direcção regularmente transferida para os grupos seleccionados, quer dizer, para o corpo constituído pelos operários mais capazes de salvaguardar os interesses de toda a classe. [...] Quanto mais [os grupos sindicais] actuam e deliberam em nome de todos os trabalhadores, mais se afirma o seu papel de órgãos dirigentes e representativos da massa proletária. [...] Porém, os trabalhadores não organizados não podem aspirar, em virtude de qualquer direito individual superior ao direito de todos, a destruir o princípio do governo operário pelos grupos profissionais. [...] o movimento operário tende a ser estável e orgânico. O mundo

do trabalho é um mundo à parte. O labor da produção é difícil [...]. Exige uma determinada soma de qualificações e torna necessária a existência de uma forte hierarquia. Esta hierarquia forma-se naturalmente segundo a *lei da selecção* na organização da classe operária». Sem a autoridade estável e firme exercida pela nova elite operária, concluiu Lagardelle, «os grupos profissionais, que são formações seleccionadas, seriam afogados na massa amorfa dos trabalhadores não organizados»⁹⁵. Com efeito, nada aflige mais as elites do que serem absorvidas pela massa, ou seja, perderem exactamente o seu carácter de elite. Pavoroso destino!

A mesma teoria das elites usada por Lagardelle serviu a Édouard Berth para confundir a autonomia operária com a alienação dos trabalhadores ao serviço do capital, quando fez a apologia da disciplina de empresa e do produtivismo e os considerou como o verdadeiro modelo do socialismo. Concentrando as diatribes nos especuladores, nos representantes do capital comercial e financeiro, e acusando-os de parasitismo, Berth enalteceu o espírito empresarial atribuído aos capitães de indústria, «os grandes realizadores de um capitalismo audaz, poderoso e inovador», como ele reafirmou num texto de 1923⁹⁶. Nesta perspectiva, a sua crítica ao Estado, que reputava inútil só por não ser produtivo⁹⁷,

⁹⁵ H. Lagardelle, «Los Caracteres Generales del Sindicalismo», em G. Sorel et al. (1978) 72-73.

⁹⁶ E. Berth (1923) 17.

⁹⁷ No seu livro de 1908 *Les Nouveaux Aspects du Socialisme* em E. Berth

situa-se na tradição de Saint-Simon, para quem a empresa era o único quadro político necessário ao capitalismo. Decerto Berth admitiu que o sindicalismo revolucionário pretende que «essa divisão autocrática e hierárquica do trabalho, instaurada pelo capital na oficina, dê lugar a uma associação igualitária de trabalhadores livres e não *hierarquizados*»⁹⁸ e mencionou repetidamente a aspiração a «uma oficina sem patrões»⁹⁹.

Mas como o sindicalismo revolucionário era «o filho legítimo do capitalismo», tendo herdado dele «esse amor por uma produtividade cada vez mais elevada e mais perfeita», «o imperativo categórico da produção»¹⁰⁰, Berth considerava que o socialismo manteria sem alteração as forças produtivas e a tecnologia que lhes presidia. Ora, as tecnologias não são neutras e pressupõem dadas formas de trabalho, exigindo dados tipos de disciplina. «A gratidão que o sindicalismo devota ao capitalismo não se limita apenas às riquezas materiais que este criou, mas também e sobretudo às transformações morais e espirituais que operou no seio das massas operárias que, graças à sua disciplina de ferro, foram arrancadas à sua preguiça primitiva [...] para se tornarem capazes de um trabalho colectivo cada vez mais perfeito»¹⁰¹. Neste contexto, que sentido podia ter a autodisciplina dos trabalhadores senão o de uma

(1923) 61-63 e 71.

⁹⁸ Id., *ibid.*, 67. Ver também a pág. 72.

⁹⁹ Traduzo assim a expressão «*atelier sans maîtres*» empregue em id., *ibid.*, 67, 71 e 75.

¹⁰⁰ Id., *ibid.*, 71 (sub. orig.).

¹⁰¹ Id., *ibid.*, 76; ver também as págs. 79-80.

autocoacção? «O sindicalismo reconhece inteiramente que a civilização começou, e tinha de começar, pela coacção, que esta coacção foi salutar, benéfica e criativa e que, se é possível ter esperança num regime de liberdade, sem tutela de patrões e sem tutela de Estado, é ainda graças a esse mesmo regime de coacção que disciplinou a humanidade e pouco a pouco a tornou capaz de se elevar ao trabalho livre e voluntário»¹⁰². Ao definir a liberdade como uma autocoacção e ao admitir, afinal, que o Estado podia extinguir-se quando cada um fosse capaz de se reprimir a si próprio e aos outros¹⁰³, Berth não fez mais do que dar nova vida à única grande utopia do capitalismo, a de que será possível recuperar perpetuamente os conflitos sociais, de maneira que a liberdade não tenha outro conteúdo senão o de uma repressão consentida.

A síntese deste conjunto de temas encontra-se num pequeno artigo de Sergio Panunzio, um dos muitos sindicalistas revolucionários italianos que participaria, alguns anos depois, na fundação dos Fasci di Combattimento (Ligas de Combate). Apesar de ter sido o principal teórico do regime de Mussolini na década de 1920¹⁰⁴ — ou quem sabe se por isto mesmo? — ele manteria uma certa atitude de contestação, defendendo um corporativismo integral e opondo-se à versão moderada que o Duce implantara¹⁰⁵. Estes fios

¹⁰² Id., *ibid.*, 76.

¹⁰³ Acerca deste conjunto de temas ver igualmente Z. Sternhell et al. (1994) 104-107.

¹⁰⁴ Id., *ibid.*, 32.

¹⁰⁵ A. Lyttelton (1982) 497-498; E. Santarelli (1981) I 412, II 27.

com que a história haveria de ser tecida podiam deslindar-se desde já, ao vermos Panunzio considerar que o princípio geral da autoridade dominava toda a vida social, sendo o Estado burguês apenas uma das suas manifestações específicas. Por isso, continuou ele, os sindicalistas revolucionários, se combatiam o Estado, destacavam-se dos anarquistas por não porem em causa a autoridade. «[...] o sindicalismo é *antiestatista* por definição, mas não *antiautoritário*». Era a disciplina de empresa que exigia a autoridade. O capitalista tornara-se supérfluo, mas a direcção técnica da empresa mantinha-se indispensável. «Quando a exploração inerente ao organismo da empresa capitalista for eliminada pela unificação e pela associação livre dos factores produtivos, já nas mãos dos operários sindicalizados, continuará a haver grupos de produtores que terão necessidade de um regime técnico, de uma direcção. Mesmo no regime económico operário instituído pelos sindicatos, sem classe patronal nem Estado, existirá um princípio autoritário, chamemos-lhe assim, que resulta inevitavelmente das imperiosas necessidades técnicas do trabalho e da produção»¹⁰⁶. Partindo da acção de uma vanguarda num quadro que parecia inteiramente dedicado à autonomia proletária, os sindicalistas revolucionários começaram a proceder a uma apologia do autoritarismo tecnocrático. A criação

¹⁰⁶ S. Pa[n]unzio, «Sindicalismo y Anarquismo», em G. Sorel et al. (1978) 83-88. As passagens citadas encontram-se nas págs. 87 e 88 (subs. orig.).

de novas instituições no decurso do processo de luta acabou, afinal, por se revelar como uma redução de todos os horizontes sociais aos limites da empresa e como um reforço da disciplina de empresa.

Esta teoria das vanguardas degenerou num elitismo em que inelutavelmente se reconstruiu o princípio da autoridade e do Estado. Dou a palavra a um dos estudiosos desta problemática. «[...] uma sociedade fundada nos critérios expostos por Sorel, Berth, Pouget, Lagardelle ou Griffuelhes teria apresentado as características principais do tipo ideal de uma sociedade fascista. Conduzida “pelos conscientes, os revoltados” [Pouget], que têm um desprezo sem limites pela democracia [...] e pelo modo de vida da sociedade burguesa, esta sociedade sindicalista pretendia moldar um novo tipo de homem, movido “pela ousadia, pela disciplina maravilhosa” que emana “do exército dos trabalhadores” em greve [Berth] [...] Os sindicalistas revolucionários consideram-se uma nova aristocracia, conduzindo à guerra — a guerra social — o imenso exército dos proletários. [...] O ímpeto revolucionário passa [...] a depender da fé e da vontade, e já não de uma consciência da evolução histórica. Isto explica que o encontro com a Action Française não tenha sido fortuito, resultando de uma concepção muito similar do bem político e das forças históricas»¹⁰⁷. Mas, e Sorel?

¹⁰⁷ Z. Sternhell (1978) 346-347. Todavia, id. et al. (1994) 108 e 109 esclareceram que Émile Pouget e Victor Griffuelhes não foram discípulos de Sorel.

Em *Les Illusions du Progrès*, apesar de ter considerado a ciência como expressão do meio social, admitindo, por exemplo, que «a lei da aceleração dos graves se tivesse apresentado a Galileu em virtude de analogias políticas», já que «o poderio dos monarcas se tornara suficientemente absoluto para poder ser visto como um tipo de força constante»¹⁰⁸, Sorel limitou este relativismo a épocas passadas e erigiu a actividade científica do seu tempo em critério para o estabelecimento de hierarquias e em fonte da sua legitimação. É sugestivo que num livro onde a cada passo insistiu no tema da decadência e da degenerescência, Sorel detectasse no capitalismo a existência de um «*progresso real*», constituído pela «técnica da produção», que, assegurando por um lado o conforto dos patrões, por outro lado «é a condição necessária da revolução socialista»¹⁰⁹. Inesperadamente, o engenheiro Georges Sorel encontrou-se aqui com os defensores da ortodoxia marxista que tanto abominava, pois também eles atribuíam um carácter de neutralidade social às forças produtivas e consideravam-nas como a base do socialismo. Nesta apologia da tecnologia capitalista Sorel supôs mesmo que a capacidade de inovação e de invenção dos operários industriais deveria desenvolver-se em contacto com as máquinas¹¹⁰. «A oficina moderna», escreveu ele,

¹⁰⁸ G. Sorel (1947) 34. Georges Sorel considerou igualmente (pág. 35) que as teses de Descartes referentes ao carácter prático da ciência e ao seu crescimento progressivo não decorriam do âmbito científico e encontravam fundamento apenas nos fenómenos políticos.

¹⁰⁹ Id., *ibid.*, 276-277 (sub. orig.).

¹¹⁰ Id., *ibid.*, 281-284.

«é um campo de experiências que incita permanentemente o trabalhador à pesquisa científica»¹¹¹.

Em lugar algum Sorel mostrou indícios de ter percebido que a maquinaria capitalista tem, entre outros, o objectivo de retirar aos trabalhadores qualquer controlo físico ou mental sobre o processo de produção. Mas aquele pretenso estímulo à participação intelectual criativa ocorreria na prática de uma forma singular, porque seria nas fábricas que as novas autoridades sociais encontrariam fundamento, reproduzindo a hierarquia inerente à actividade científica tal como ela ocorre no capitalismo. Compreende-se assim que Sorel insistisse repetidamente no carácter especializado da ciência, a ponto de ter criticado aos enciclopedistas e em geral à filosofia das luzes a pretensão de porem os conhecimentos científicos, e até a prática científica, ao alcance de todos¹¹². Tocamos aqui o ponto nodal das contradições de Sorel, pois ao mesmo tempo que apelava para que os proletários produzissem o seu próprio saber e os seus sistemas de pensamento, ele estimulava as ambições de domínio da tecnocracia de formação científica.

Num apêndice datado de 1920, ao interpretar uma passagem de *O Capital*, Sorel imaginou que «a oficina socialista reunirá produtores cujo espírito estará sempre desperto para criticar as práticas adquiridas, que serão orientados por

¹¹¹ Id., *ibid.*, 282.

¹¹² Id., *ibid.*, 137 e segs.

contramestres semelhantes aos preparadores dos professores de química e à cabeça dos quais se encontrarão engenheiros que falarão aos seus homens como um professor fala aos seus alunos»¹¹³. Não podia ser mais clara a conversão da hierarquia universitária em modelo da hierarquia fabril, de modo que os tecnocratas, os «engenheiros», encontrariam legitimação naquela figura que os franceses denominam *le mandarin*, o professor aceite como *maître à penser*. Ora, «a oficina socialista» herdaria «as qualidades desenvolvidas pela oficina progressista no regime capitalista»¹¹⁴, o que significa que Sorel seguiu neste aspecto crucial a vulgata marxista e considerou que o crescimento das forças produtivas capitalistas era a «*ponte económica*» que conduzia ao socialismo¹¹⁵. Uma ciência mitificada, porque isolada do seu condicionamento social, servia de elemento de ligação entre dois modos de produção antagónicos, e nesta legitimação da tecnocracia Sorel invocou a caução do leninismo. Referindo-se com ironia aos «burgueses» que pretendiam que o bolchevismo havia cedido à necessidade de recorrer aos «intelectuais», Sorel argumentou que aqueles a quem Lenin «tivera de oferecer remunerações consideráveis» não eram políticos nem especuladores das finanças, mas «organizadores de empresas», «engenheiros» e «todo o tipo de

¹¹³ Id., *ibid.*, 354-355.

¹¹⁴ Id., *ibid.*, 355.

¹¹⁵ Id., *ibid.*, 372 (sub. orig.).

especialistas estrangeiros»¹¹⁶. Todavia, é possível detectar os fundamentos desta concepção elitista já anteriormente à publicação de *Les Illusions du Progrès*.

Nas *Réflexions sur la Violence* Sorel afirmara claramente o seu antipatriotismo, escrevendo que «o antipatriotismo tornou-se um elemento essencial do programa sindicalista»¹¹⁷. Não foi o nacionalismo, mas o elitismo, a primeira ponte a ligar esta esquerda revolucionária à direita radical. No entanto, Sorel manifestara-se também contrário ao elitismo, e parece que com não menos nitidez. «A elite politqueira não tem mais nada para fazer senão aplicar a sua inteligência, e acha que o facto de o proletariado trabalhar para sustentá-la está em perfeita conformidade com os princípios da Justiça Imanente (de que ela é a proprietária) [...]»¹¹⁸. Sorel partira mesmo da crítica ao elitismo para analisar o problema da burocratização dos partidos socialistas. «[...] os funcionários do socialismo falam constantemente do Partido como um organismo possuidor de vida própria»¹¹⁹. E daí previra sem grande dificuldade o que havia de suceder quando os socialistas ortodoxos alcançassem os seus objectivos. «[...] a ditadura do proletariado corresponde a uma divisão da sociedade em senhores e súbditos [...]»¹²⁰. Logo a seguir chamara-lhe uma «ditadura

¹¹⁶ Id., *ibid.*, 359.

¹¹⁷ Id. (1936) 281. Ver igualmente as págs. 162-165 e 170-171.

¹¹⁸ Id., *ibid.*, 240-241. Ver ainda as págs. 253-256 e 268.

¹¹⁹ Id., *ibid.*, 241.

¹²⁰ Id., *ibid.*, 253.



da politicagem» e explicara-lhe o mecanismo elementar. «A história da revolução francesa mostra-nos como as coisas se passam. Os revolucionários adoptam medidas tais que o seu pessoal administrativo esteja pronto para se apoderar bruscamente da autoridade logo que o antigo pessoal abandone o lugar, de maneira a que em nenhum momento se interrompa a opressão. [... ..] poder-se-ia mesmo imaginar que, como a transmissão da autoridade se realiza hoje de maneira mais perfeita, graças aos novos recursos de que dispõe o regime parlamentar, e como o proletariado está perfeitamente enquadrado por sindicatos oficiais, veríamos a revolução social conduzir a uma maravilhosa servidão»¹²¹. E, depois de referir aqueles que pensam que os trabalhadores se limitam a receber ordens e a ser «instrumentos passivos que não têm necessidade de pensar», Sorel observara: «O sindicalismo revolucionário seria impossível se o mundo operário tivesse essa moral dos fracos; pelo contrário, o socialismo de Estado adaptar-se-ia perfeitamente a uma tal situação, já que ele se baseia na divisão da sociedade numa classe de produtores e numa classe de pensadores, que aplicam à produção os dados da ciência. A única diferença entre esse pretenso socialismo e o capitalismo consistiria no emprego de métodos mais engenhosos para obter a disciplina nas oficinas»¹²². Mas a crítica de Georges Sorel incidiu

¹²¹ Id., *ibid.*, 253-254, 256.

¹²² Id., *ibid.*, 367.

no elitismo dos partidos socialistas parlamentares, apegados aos valores da democracia burguesa, que ele mais do que tudo abominava. Sorel não mostrou igual lucidez a respeito do elitismo inerente ao sindicalismo revolucionário.

Ao longo das *Réflexions sur la Violence* Sorel nunca concebeu os trabalhadores como uma classe dotada de mecanismos sociais próprios e capaz de uma acção organizativa na sua própria esfera. Precisamente porque os sindicalistas revolucionários se lançaram na apologia da disciplina de empresa, eles foram incapazes de discernir a luta de classes nas acções quotidianas, anónimas, obscuras, nas modestas e incessantes resistências dos trabalhadores. É longe dos grandes gestos do heroísmo que o proletariado tece os elos mais duráveis da sua solidariedade e dá consistência à sua estrutura própria. Mas estas «relações informais», como os teóricos da administração de empresa gostam de lhes chamar, visam a contestação da disciplina capitalista do trabalho, e não era daí que podia partir quem se propunha reforçar a autoridade empresarial. Sorel, observou Lukács, «era totalmente indiferente aos objectivos e aos meios, reais e concretos, das greves singulares», e acrescentou com muita agudeza que «o proletariado não era para Sorel mais do que uma negação abstracta da vida burguesa, desprovido de qualquer substância real»¹²³. Não analisando a base operária na sua estrutura interna e na sua dinâmica social

¹²³ G. Lukács (1980) 31.

específica, Sorel transformou o proletariado numa abstracção e converteu-o, no plano político, numa massa de manobra e, nas invocações ideológicas, numa caução moral.

Por isso os sindicalistas revolucionários formularam a estratégia de greve geral nos termos de um mito. Mesmo Hubert Lagardelle, embora assinalasse o carácter pedagógico da prática de luta e mostrasse que ela consistia na criação de formas sociais de tipo novo, enunciara esta pedagogia e até as próprias instituições sobretudo como sentimentos. A acção directa, escreveu ele, era «um apelo constante às ideias de responsabilidade, de dignidade e de energia. Nem pactos nem acordos, mas a luta com os seus riscos e a sua exaltação. Nenhuma oportunidade para os baixos instintos da passividade, mas uma exaltação permanente dos sentimentos mais activos do homem»¹²⁴. E Berth, nas mesmas linhas onde reconheceu que a flexibilidade dos salários era um facto cientificamente comprovado, pretendeu que os sindicalistas revolucionários deviam afirmar o contrário e atribuir aos salários um carácter rígido, para que, perante este «mito social», os trabalhadores se entusiasmassem pela luta¹²⁵. De igual modo, Sorel apresentou a greve geral como um facto ideológico e não como uma forma de organização¹²⁶. A sua realidade não era

¹²⁴ H. Lagardelle, «Los Caracteres Generales del Sindicalismo», em G. Sorel et al. (1978) 55.

¹²⁵ No seu livro de 1908 *Les Nouveaux Aspects du Socialisme* em E. Berth (1923) 54-55. A expressão citada encontra-se na pág. 54.

¹²⁶ Invocando o estudo de Peter Netti, Z. Sternhell et al. (1994) 21 observaram que para Sorel a greve geral era a realização específica de uma

social, mas espiritual, pouco importando que a greve geral se realizasse ou não na prática, se ela pudesse servir para manter viva a revolta proletária, tal como os mitos do juízo final e da instauração do reino de Deus sobre a terra haviam servido para fundar a Igreja cristã¹²⁷.

Neste sentido o sexto capítulo das *Réflexions sur la Violence* é esclarecedor¹²⁸. Os operários, quando apareceram directamente, limitaram-se a formar uma massa capaz de violência. Aqui se enquadra perversamente — e de maneira sinistra — a premonição do que viria a ser o fascismo, que se encontra muitas páginas atrás, logo no primeiro capítulo. «A experiência mostra que a burguesia se deixa facilmente espoliar, desde que seja um tanto ou quanto pressionada e lhe façam medo com a revolução. O futuro está reservado para o partido que souber manipular com mais audácia o espectro revolucionário [...]»¹²⁹. E de novo, no segundo capítulo: «É tudo uma questão de avaliação, de cautela, de oportunidade. Necessita-se muita subtilidade, tacto e uma calma audácia para conduzir semelhante diplomacia: fazer crer aos operários que se ergue a bandeira da revolução, à burguesia que se põe termo ao perigo que a ameaça, ao país que se representa uma corrente de opinião irresistível»¹³⁰. O fascismo transportou para a história o que nas páginas de Sorel fora ainda um argumento retórico.

concepção genérica de acção, enquanto para Rosa Luxemburgo se tratava de algo muito diferente, uma táctica decorrente da conjuntura da época.

¹²⁷ G. Guy-Grand (1911) 45.

¹²⁸ G. Sorel (1936) 269-329.

¹²⁹ Id., *ibid.*, 79.

¹³⁰ Id., *ibid.*, 103-104.

Referências

Édouard BERTH (1923) *Les Derniers Aspects du Socialisme. Édition Revue et Augmentée des «Nouveaux Aspects»*, Paris: Marcel Rivière.

Joseph CAILLAUX (1942-1947) *Mes Mémoires*, 3 vols., Paris: Plon.

Henri DUBIEF (org. 1969) *Le Syndicalisme Révolutionnaire*, Paris: Armand Colin.

Yves GUCHET (2001) *Georges Valois. L'Action Française, le Faisceau, la République Syndicale*, Paris: L'Harmattan.

Georges GUY-GRAND (1911) *La Philosophie Syndicaliste*, Paris: Bernard Grasset.

Georg LUKÁCS (1980) *The Destruction of Reason*, Londres: The Merlin Press.

Adrian LYTTELTON (1982) *La Conquista del Potere. Il Fascismo dal 1919 al 1929*, Roma e Bari: Laterza.

Georges SOREL (1936) *Réflexions sur la Violence* (8^a ed., incluindo *Plaidoyer pour Lénine*), Paris: Marcel Rivière.

Georges SOREL (1947) *Les Illusions du Progrès* (5^a ed.), Paris: Marcel Rivière.

G. SOREL, E. BERTH, H. LAGARDELLE, S. PA[N]UNZIO, V. GRIFFUELHES, P. DELESALLE e E. POUGET (1978) *Sindicalismo Revolucionario*, Madrid e Gijón: Júcar.

Zeev STERNHELL (1978) *La Droite Révolutionnaire, 1885-1914. Les Origines Françaises du Fascisme*, Paris: Seuil.

Zeev STERNHELL, Mario SZNAJDER e Maia ASHERI (1994) *The Birth of Fascist Ideology. From Cultural Rebellion to Political Revolution*, Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press.

Eugen WEBER (1964) *Varieties of Fascism. Doctrines of Revolution in the Twentieth Century*, Princeton: D. van Nostrand.

IV

Da Apologia da Elite a Uma Teoria dos Heróis

Foi uma concepção bastante ingénua de violência, ou bastante arcaica, que presidiu às reflexões de Sorel. Como notou um historiador, era no mercado que Sorel localizava a violência exercida pelas classes, nos mecanismos da concorrência, e por isso as suas propostas económicas nunca deixaram de ser estritamente liberais, defendendo a concorrência pura e a propriedade privada e recusando as nacionalizações ou qualquer outro tipo de intervenção do Estado que mitigasse os efeitos da competição e os conflitos que lhe eram inerentes¹³¹. Igualmente Berth atribuiu uma raiz manchesteriana às teorias de Marx¹³², assimilou a concorrência entre as indústrias a um «campo de batalha»¹³³ e considerou que não só o estatismo

¹³¹ Z. Sternhell et al. (1994) 22-23, 43-46, 82-83, 101, 128-129. Todavia, G. Sorel (1947) 211-212 chamou a atenção para «estes aparentes paradoxos: que a legislação social, fabricada com o objectivo de acalmar o ardor dos socialistas, tenha muito frequentemente como resultado favorecer o socialismo; — que as concessões feitas pelos patrões na sequência de greves constituam geralmente um dos factores do progresso do sindicalismo revolucionário; — que, numa palavra, a *paz social* alimente quase sempre a *luta de classe*» (subs. orig.).

¹³² No seu livro de 1908 *Les Nouveaux Aspects du Socialisme* em E. Berth (1923) 71.

¹³³ Id., *ibid.*, 95. Édouard Berth assimilou tanto a concorrência como a luta entre as classes à guerra, invocando para isto a lição de Proudhon, como se vê nas págs. 94 e segs.

mas até a contratação colectiva, reconhecida na lei, representavam uma decadência da burguesia e uma abdicação dos trabalhadores¹³⁴. Arturo Labriola, um dos principais dirigentes e pensadores do sindicalismo revolucionário italiano, formulou a partir destes mesmos postulados a sua análise crítica do marxismo, afirmando que o socialismo só poderia resultar de um desenvolvimento e de uma ampliação dos princípios económicos do capitalismo, pelo que tudo o que dificultasse o livre jogo de forças na economia prejudicava gravemente o processo revolucionário¹³⁵. Na orientação reformista do socialismo oficial e na política de cedências patronal Sorel via apenas uma tática para atenuar a rudeza dos confrontos sociais. Para ele, um tal procedimento revelaria a degenerescência da burguesia, que teria perdido o seu sentido de luta e que, ao afastar o proletariado da violência, o arrastaria numa igual degradação, comprometendo a própria civilização e condenando-a a um futuro de declínio¹³⁶.

A leitura de *Les Illusions du Progrès* revela que para Sorel a tendência para a mediocridade seria inerente à história. «O grande erro de Marx consistiu em não se ter dado conta do enorme poder da mediocridade na história»¹³⁷. Identificada

¹³⁴ Id., *ibid.*, 60.

¹³⁵ Z. Sternhell et al. (1994) 101-103.

¹³⁶ «Afinal, a história, para Sorel, não era tanto a crónica de uma luta de classes como um combate incessante contra a decadência», observaram *id.*, *ibid.*, 38.

¹³⁷ G. Sorel (1947) 332.

à democracia¹³⁸, a mediocridade poderia apenas ser contrariada por acções vigorosas. A apologia da elite leva necessariamente a uma teoria dos heróis. Depois de ter assimilado a noção de grandeza à de génio e a noção de decadência à de mediocridade, Sorel considerou que «a economia tende a confundir todas as obras individuais numa massa» e que, «portanto, não é na economia que se deverá procurar a aplicação directa das noções de grandeza e de decadência». Era na arte, na religião e na filosofia, classificadas como «actividades do espírito livre», que Sorel encontrava o terreno adequado às noções de grandeza e de decadência¹³⁹. A sociedade burguesa seria uma sociedade de massas e caberia ao sindicalismo revolucionário restaurar a supremacia de indivíduos. Os numerosos anarquistas que se filiaram no sindicalismo revolucionário foram atraídos pela ideia de grandeza, pretendeu Sorel¹⁴⁰. «No mês de Maio de 1899», recordou ele, «publiquei na *Rivista Italiana di Sociologia* um artigo sobre o marxismo e a ciência social; terminei-o com o voto de que o socialismo se convertesse numa filosofia dos costumes; esta

¹³⁸ «Aquilo que neste estudo denominámos com o termo pejorativo de *mediocridade*», escreveu id., ibid., 333, «é o que os escritores de obras políticas chamam *democracia*».

¹³⁹ Id., ibid., 317-318. «O que preocupava Sorel», escreveram Z. Sternhell et al. (1994) 90-91, «era o destino da civilização, e não o do proletariado ou da nação. [...] O anticapitalismo de Sorel limitava-se estritamente aos aspectos político, intelectual e moral do sistema burguês e liberal; ele nunca tentou pôr em causa os fundamentos, os princípios e os mecanismos competitivos da economia capitalista». Ver igualmente G. Guy-Grand (1911) 51.

¹⁴⁰ G. Sorel (1947) 335.

transformação teria comunicado grandeza a um movimento que estava quase tão desprovido dela como a própria democracia»¹⁴¹.

Um notável historiador fascista, que foi também historiador do fascismo, observou que o sindicalismo revolucionário «confia no proletariado, mas considera indispensável o revigoramento da burguesia»¹⁴². Esta apologia da violência nas relações entre as classes e a crítica ao espírito conciliatório e liberal que a burguesia passara a manifestar não só se encontravam igualmente na obra de Vilfredo Pareto, com quem Sorel manteve uma correspondência regular¹⁴³, como não eram também inéditas no panorama do socialismo. No mais importante dos livros de Benoît Malon, publicado um ano antes da sua morte, podiam ler-se já alguns temas que as *Réflexions sur la Violence* haveriam de celebrar. A tese de que o curso da história não é determinado apenas por factores económicos, mas ainda por forças morais, que devem sustentar o proletariado no seu combate, adquiriu um carácter operacional na teoria soreliana do mito. E a visão moral dos conflitos sociais, que levava Malon a situar o socialismo mais no contexto da civilização do que no da luta de classes, justificou do mesmo modo a obsessão de Sorel com os riscos de uma decadência civilizacional¹⁴⁴.

¹⁴¹ Id., *ibid.*, 335.

¹⁴² G. Volpe (1941) 11.

¹⁴³ T. B. Bottomore (1967) 60; A. Lyttelton (1982) 30; Ch. S. Maier (1988) 39-40.

¹⁴⁴ As teses defendidas por Benoît Malon em *Le Socialisme Intégral*, livro publicado em 1892, encontram-se resumidas em D. Ligou (1962) 95-96. Por

Teve grande audiência esta tese, premonitória do pessimismo cultural que haveria de se difundir nos meios conservadores durante as décadas que mediam entre as duas guerras mundiais. Lucien Rebatet, que não sabia ainda soletrar quando foi publicada a primeira edição das *Réflexions sur la Violence*, scandalizou-se de que na França de 1939 as relações «entre os simples soldados e todo o tipo de oficiais subalternos» copiassem as existentes entre o proletariado e a burguesia, «já não de uma maneira autoritária e violentamente triunfante, mas à maneira do capitalismo democrático, operários reles, patrões cobardes [...]»¹⁴⁵. Afinal, apesar de ser um leitor atento de Marx e de em boa parte o ter entendido melhor do que os ortodoxos do seu tempo¹⁴⁶, Sorel manteve-

seu lado, Z. Sternhell (1978) 46 situou Malon entre aqueles que contribuíram para a difusão «de uma corrente nacionalista que se pretende social ou, *mutatis mutandis*, de um socialismo que se pretende nacionalista». Acerca da noção de decadência civilizacional que preocupava Sorel e os seus discípulos ver id., *ibid.*, 394-395.

¹⁴⁵ L. Rebatet (1942) 284.

¹⁴⁶ Citando Maximilien Rubel, Z. Sternhell et al. (1994) 49 afirmaram que Sorel não possuía um conhecimento detalhado e erudito dos escritos de Marx. Não é isto, porém, que está em causa, mas a perspectiva geral em que ele concebeu e apresentou as teses marxistas. Zeev Sternhell, que assinalou a responsabilidade de Georges Sorel e do sindicalismo revolucionário no advento do fascismo, foi bastante menos arguto quando situou Sorel numa posição ideológica praticamente exterior ao quadro do marxismo. Se Sternhell não tivesse restringido a obra de Marx à tradição racionalista e iluminista e levasse em conta a pesada herança do romantismo alemão, já não precisaria de sair dos limites do marxismo para explicar a ruptura política de Sorel e a sua evolução posterior. A visão proposta por K. Mannheim (1986) *passim* parece-me mais equilibrada, detectando a originalidade de Marx na articulação da racionalidade jacobina com a crítica romântica e irracionalista à sociedade burguesa. E é precisamente nesta encruzilhada ideológica que se esclarece a evolução personificada por Sorel. O interesse trágico da sua obra provém do facto de representar uma série de mudanças processada não no exterior, mas a partir do interior do marxismo.

se cego perante os mecanismos da mais-valia relativa, que geram a conciliação entre as classes, enquanto o recurso exclusivo à violência por parte dos patrões apenas serve de quadro à mais-valia absoluta, sendo por isso incapaz de estimular o progresso económico. Foi porque Sorel não concebeu os trabalhadores como uma classe dotada de organização interna e não lhes analisou a estrutura social que ele não percebeu que o único factor a incentivar a produtividade consiste na prática capitalista de recuperação das lutas. A que se reduzia então a autonomia de uma classe, se a sua organização interna não era concebida como autónoma?

Já que lhe fora retirado o fundamento social prático, a greve geral só poderia esperar-se da acção de uma vanguarda. A revolução foi substituída pela acção — qualquer acção. E a política, em vez de constituir uma estratégia de agudização das contradições, reduziu-se ao impulso voluntarioso de um número diminuto de iluminados. Considerar a classe trabalhadora como desprovida de organização própria é convertê-la numa massa e criar as condições ideológicas necessárias à promoção de uma elite. Sorel resumiu o enredo do drama social às manobras dos políticos profissionais e à actuação dos militantes do sindicalismo revolucionário. A leitura das *Réflexions sur la Violence* mostra que para Sorel a única organização possível da classe trabalhadora lhe era exterior e residia nos sindicatos¹⁴⁷.

¹⁴⁷ G. Sorel (1936) 349 e segs.

Contudo, na primeira edição desta sua obra Sorel parece ter guardado certa lucidez e criticou o elitismo que surgia no próprio movimento revolucionário. «[...] o grande perigo que ameaça o sindicalismo são as tentativas de imitar a democracia. É preferível contentar-se durante algum tempo com organizações fracas e caóticas do que ficar sujeito ao domínio de sindicatos que copiem as formas políticas da burguesia»¹⁴⁸. Aliás, este aspecto tumultuoso foi apresentado como o segredo da vitória. «[...] a greve geral [...] é a manifestação mais patente da força individualista nas massas sublevadas»¹⁴⁹. Um pouco antes a ideia fora melhor explicada. «[...] os grupos de operários que se entusiasmam com a greve geral [...] concebem [...] a revolução como uma imensa sublevação que pode ainda considerar-se individualista: cada um avançando com todo o ardor, agindo por conta própria, sem se preocupar em subordinar o seu procedimento a qualquer plano de conjunto, sabiamente preparado. Este carácter da greve geral proletária [...] não deixa de atemorizar os políticos gananciosos, que compreendem perfeitamente que uma revolução conduzida deste modo lhes tiraria qualquer oportunidade de se apoderarem do governo»¹⁵⁰. E de novo, num estilo mais conciso: «Este individualismo apaixonado jamais existiria entre classes operárias que tivessem sido educadas

¹⁴⁸ Id., *ibid.*, 268.

¹⁴⁹ Id., *ibid.*, 376.

¹⁵⁰ Id., *ibid.*, 375.

pela politicagem. Essas não seriam capazes senão de mudar de chefes»¹⁵¹.

Numa edição posterior Sorel introduziu um capítulo suplementar e só aí atribuiu um papel decisivo aos propagandistas e organizadores da greve geral. «O catolicismo reservou sempre as funções de luta a instituições com um reduzido número de membros, severamente seleccionados através de provas destinadas a confirmar a sua vocação [...] Foi com tropas de elite, perfeitamente treinadas graças à vida monástica, [...] que o catolicismo pôde, até aos dias de hoje, triunfar dos seus inimigos. [...] Para o proletariado seria extremamente perigoso não aplicar uma divisão de funções que teve tanto êxito com o catolicismo durante toda a sua longa história. Ele não seria mais do que uma massa inerte, destinada a cair, tal como a democracia, sob a direcção de políticos que vivem da subordinação dos seus eleitores. Os sindicatos não se devem preocupar tanto em possuir um grande número de aderentes como sobretudo em reunir elementos fortes. As greves revolucionárias são excelentes para operar uma selecção, afastando os timoratos que arruinariam as tropas de elite»¹⁵². E um pouco adiante: «Um grande número de organizações intervém mais ou menos de perto na vida económico-jurídica do conjunto da sociedade, de maneira que o grau de unidade necessário numa sociedade é produzido automaticamente. Outras,

¹⁵¹ Id., *ibid.*, 379.

¹⁵² Id., *ibid.*, 428-430.

menos numerosas e bem seleccionadas, conduzem a luta de classe. São estas que empolgam o pensamento proletário, criando a unidade ideológica de que o proletariado necessita para levar a cabo a sua obra revolucionária [...]»¹⁵³.

As novas ideias e a nova moral, que Sorel começara por apresentar no quadro de uma pedagogia da luta autónoma, passaram a ser enunciadas como feito e obra de elites seleccionadas. Isto pôde suceder porque já na primeira edição das *Réflexions sur la Violence* ele concebera a classe trabalhadora como uma massa dotada de enorme potencial de energia, mas desprovida da capacidade de canalizar a violência numa estratégia própria¹⁵⁴. O proletariado, que os sindicalistas revolucionários enalteciam como o grande objecto da história, seria afinal inapto para se assumir como sujeito histórico. Não era o paradigma económico incorporado nas organizações de resistência dos trabalhadores que rasgava o futuro, mas só o dinamismo que os trabalhadores ousassem manifestar nos confrontos sociais. «A economia tende a confundir todas as obras individuais numa massa», escreveu Sorel, como citei há pouco, e acrescentou que «não é na economia que se deverá procurar a aplicação directa das noções de grandeza e de decadência»¹⁵⁵. Ou ainda, numa formulação

¹⁵³ Id., *ibid.*, 432.

¹⁵⁴ Z. Sternhell et al. (1994) 108 referiram «a teoria elitista, que considerava as massas como uma fonte de energia, mas lhes negava a capacidade de determinarem o rumo da evolução social [...]».

¹⁵⁵ G. Sorel (1947) 318.

lapidar: «Pode dizer-se que, de maneira geral, o espírito revolucionário ganha terreno sempre que se enfraquece o sentimento da necessidade económica»¹⁵⁶.

Quando se prescinde da perspectiva económica, porém, o proletariado deixa de ser definido pelo lugar que ocupa no processo de produção da mais-valia e fica remetido a um plano estritamente político, passando a ser considerado um mero factor de violência, substituível por qualquer outro factor a que se atribua uma força semelhante. Nestes termos, a incitação ao heroísmo nacional podia ser tão satisfatória para os sindicalistas revolucionários como a mobilização do dinamismo operário. Não importa que a formulação explícita do elitismo sindicalista de Sorel tivesse sido tardia, porque o elitismo estava já contido na visão de uma classe trabalhadora privada de estrutura interna. Depois, a pressão das circunstâncias obrigou os pressupostos ideológicos a assumirem uma forma visível e revelou-os nas suas consequências práticas.

No sindicalismo revolucionário cruzavam-se e entrechocavam-se ideias variadas e teses contraditórias, cada uma com o seu peso específico, consoante os casos individuais. Mas os rumos tomados pela história mostram que o discurso começou a reestruturar-se em torno das concepções elitistas, adquirindo então outro carácter. Não ocorreu aqui, como aliás nunca ocorre, uma evolução em bloco, mas

¹⁵⁶ Id., *ibid.*, 211.

transformações internas, e elas puderam efectuar-se porque no quadro de pensamento anterior existia já um ponto de articulação em redor do qual se desenvolveu o novo quadro ideológico, até que afinal o sindicalismo revolucionário se revelou como um dos factores decisivos no aparecimento do fascismo. Esta distância podemos hoje percorrê-la sem esforço porque a história se encarregou de a preencher primeiro. Não é difícil afirmar que existe uma continuidade quando, depois de tudo sucedido, vemos que a evolução se processou. Mas antes? Poder-se-ia saber em 1906 que os anseios de um fascismo em gestação eram a conclusão necessária e única de páginas tão brilhantes sobre a autonomia dos trabalhadores? É esta a trágica assimetria da história. Tudo o que vemos *a posteriori* é, por isso mesmo, razão suficiente. O que nos deixa sem saber com que razão perscrutar no *a priori*. Porque a questão fundamental não consiste em explicar o segredo da evolução de Sorel e, com ele, de um número tão considerável de sindicalistas revolucionários. O decisivo seria desvendar o mistério da evolução, a partir do dia de hoje, das experiências mais recentes de autonomia da classe trabalhadora.

Negando a originalidade ideológica do fascismo, um historiador soviético encontrou nele uma colagem confusa das ideias de Georges Sorel e de Joseph de Maistre¹⁵⁷. Sem dúvida que o fascismo não foi coerente como sistema ideológico, ou não teve outra coerência senão a

¹⁵⁷ D. Megherovsky referido por B. R. Lopukhov (1965) 249.

que a estética lhe deu. Mas a fusão de concepções que até então haviam sido antagónicas representou uma criação original, e foi o próprio Sorel quem, em *Les Illusions du Progrès*, encontrou um quadro de entendimento entre o seu sindicalismo e o pensamento tradicionalista avesso à filosofia racionalista das luzes, sem ser necessário esperar que outros o fizessem. O ambiente era propício. Em duas obras, de 1923 e de 1929, outro historiador soviético detectou o aparecimento do fascismo nos romances franceses de temática social publicados na primeira década do século XX, que juntavam a nostalgia do cesarismo e a preocupação em impor ordem à classe trabalhadora com os ataques à presumida debilidade governamental e a apologia das personalidades fortes, à maneira nietzscheana¹⁵⁸. Tal como sucedia do outro lado dos Alpes, em França as posições de alguns sindicalistas revolucionários puderam evoluir porque ao mesmo tempo, e no mesmo sentido, evoluíam igualmente as posições das alas radicais da direita. Ultrapassando as fronteiras de classe e os limites convencionais das forças partidárias, era uma grande transformação na cultura política que se estava a gerar.

Depois de uma tentativa frustrada de juntar numa mesma revista os sindicalistas

¹⁵⁸ G. Sandomirski referido por id., *ibid.*, 239-241 e 251-252. Note-se que, se uma genealogia ideológica tão variada serviu a Guernann Sandomirski para considerar, e muito bem, que no fascismo convergiam interesses económicos e políticos distintos, ele concluiu daqui que o fascismo, sem possuir uma ideologia coerente, se caracterizaria apenas pela sua acção terrorista e repressiva e não passaria de um fenómeno histórico temporário.

revolucionários e os nacionalistas da Action Française (Acção Francesa), Sorel repetiu a experiência e desde o começo de 1911 até aos meados de 1913 publicou *L'Indépendance*, parece que sem grande êxito¹⁵⁹. Entretanto, com o apoio prudente e um pouco distante de Charles Maurras e sob a tutela de Sorel, foi fundado no final de 1911 o Cercle Proudhon (Associação Proudhon), que durante algum tempo serviu de lugar de encontro e debate para os sindicalistas antiliberais e os nacionalistas preocupados com a questão social. Na exacta ocasião em que Sorel se desiludia das possibilidades do sindicalismo revolucionário em França e em que Maurras receava o descontentamento que os ensaios de demagogia operária prosseguidos por Léon Daudet e por alguns outros membros da Action Française estavam a provocar entre os adeptos mais conservadores da organização¹⁶⁰, o Cercle Proudhon representou uma tentativa de criar um meio termo onde ambos os lados pudessem colaborar sem se comprometer demasiado¹⁶¹.

É sugestivo que fosse evocada a memória de Proudhon, uma das figuras mais ambíguas do movimento operário, inspirador tanto de um ânimo libertário como de valores reaccionários. Aliás, desde a sua fundação a Action Française considerara Proudhon como um dos mestres¹⁶² e,

¹⁵⁹ Y. Guchet (1965) 1122-1123 n. 32; id. (2001) 98-99; Z. Sternhell (1978) 390-391; E. Weber (1964) 132; id. (1965) 74.

¹⁶⁰ Y. Guchet (2001) 94-97.

¹⁶¹ Id., *ibid.*, 99-102; D. Guérin (1969) II 161-162; Z. Sternhell (1978) 372, 384, 391-392; id. et al. (1994) 87-88, 124-127; E. Weber (1964) 131-132.

¹⁶² Z. Sternhell et al. (1994) 124.

por seu lado, em 1908 Berth atribuíra ao sindicalismo revolucionário a dupla progenitura de Marx e de Proudhon¹⁶³. Três décadas e meia mais tarde Lucien Rebatet, um dos hitlerianos de Paris, escreveria numa das obras cimeiras do colaboracionismo que «sem os judeus, teríamos feito entre nós, e com o mínimo de estragos, essa revolução do socialismo autoritário que se tornou a necessidade do nosso século e de que os velhos doutrinadores franceses, como Proudhon, têm a honra de ter sido os precursores»¹⁶⁴. Uma tese semelhante seria defendida igualmente em França pelo fascista Pierre Drieu la Rochelle¹⁶⁵ e é conhecido o apreço que o jurista nazi Carl Schmitt viria a ter por Proudhon¹⁶⁶. Também Wyndham Lewis, na sua fase mais claramente fascista, se interessaria por Proudhon¹⁶⁷. O Cercle Proudhon pretendia-se simultaneamente revolucionário e contra-revolucionário¹⁶⁸, tal como o fascismo haveria de se proclamar alguns anos mais tarde. Juntando uma ou duas dezenas de pessoas¹⁶⁹, o Cercle era animado sobretudo por Édouard Berth e por Georges Valois.

¹⁶³ No seu livro *Les Nouveaux Aspects du Socialisme* em E. Berth (1923) 85 e 110, e repetiu a afirmação em 1923 em op. cit., 33.

¹⁶⁴ L. Rebatet (1942) 565.

¹⁶⁵ Como se lê na passagem citada em P. Sérant (1959) 69.

¹⁶⁶ G. Lukács (1980) 653.

¹⁶⁷ A. Munton (2010) 80. Ver igualmente *Wyndham Lewis...*, 352.

¹⁶⁸ Y. Guchet (2001) 101.

¹⁶⁹ Id., *ibid.*, 99 n. 80 indicou que o Cercle Proudhon fora criado por oito pessoas e que na cerimónia comemorativa do primeiro aniversário da sua fundação estiveram presentes, além de seis dos membros originais, mais quinze pessoas.

De Berth conhecemos já o percurso. Por seu lado, entre as figuras relevantes da Action Française, quem podia manter relações mais estreitas, ou pelo menos mais sinceras, com o meio operário era Georges Valois, antigo anarquista, que havia sido secretário de *L'Humanité Nouvelle*, em cuja sala de redacção conhecera Sorel, nos últimos anos do século XIX. Valois aderiu à Action Française em 1906, e Victor Serge descreveu-o uns quatro ou cinco anos depois dando réplica aos jovens anarquistas que lhe perturbavam os comícios e não hesitando em discutir com eles «a sua doutrina sindicalista-monárquica» e em evocar «Nietzsche, Georges Sorel, o “mito social”, as corporações das comunas da Idade Média, o sentimento nacional»¹⁷⁰. Mas o quadro da Action Française havia de se revelar demasiado estreito para acolher uma digressão tão ampla entre o «mito social» e o «sentimento nacional», e Valois romperia com Maurras em Outubro de 1925 para, no mês seguinte, ser um dos primeiros a criar fora da Itália um movimento mussoliniano, cujo nome traduzia à letra o do modelo originário — Faisceau. Com a amplitude de espectro característica do fascismo genuíno, o Faisceau (*Fascio*, ou seja, Liga) começou por atrair descontentes de ambos os lados, tanto gente que havia rompido com a Action Française como alguns dissidentes do Partido Comunista. Mas em breve esta convergência ficou frustrada na prática,

¹⁷⁰ Esta passagem de Victor Serge nas *Mémoires d'un Révolutionnaire, 1905-1941*, encontra-se em J. Rièrre et al. (orgs. 2001) 526.

e a organização extinguiu-se no início de 1928 devido aos desacordos internos e à falta de apoio dos financiadores. Entretanto Valois havia-se já distanciado da orientação proposta pelo Duce. «Ou nos enganamos muito», escrevera ele nos primeiros dias de 1928, «ou sob a pressão das forças financeiras estrangeiras o fascismo italiano está a evoluir no sentido reaccionário». Depois de ter percorrido todas as etapas que podiam levar de uma certa extrema-esquerda até à direita mais extrema, Valois tornou-se, sobretudo a partir de 1930, um crítico acerbo do regime italiano e dos outros tipos de fascismo. Ele procurou encontrar então um novo lugar na esquerda. Não o conseguiu através de uma sua efémera criação, o Partido Republicano Sindicalista, e também não eram os comunistas quem o acolheria, porque, embora fizesse a apologia dos planos quinquenais, ele criticava ao estalinismo a incapacidade de conjugar a elaboração das directivas económicas com a actividade de base dos trabalhadores. Nem era a ala moderada do socialismo que podia atrair Valois, pois decerto se afigurava sórdida a alguém que classificava o plano de acção elaborado pela Confédération Générale du Travail (CGT, Confederação Geral do Trabalho) em 1934 como um «plano operário em que a classe operária não desempenha qualquer papel». Patrocinado por Marceau Pivert, a principal figura da tendência esquerdista do socialismo francês, Valois pediu a integração na Section Française de l'Internationale Ouvrière (SFIO, Secção Francesa da Internacional

Operária, ou seja, na realidade, o Partido Socialista francês) em 1935, mas viu-se recusado pela direcção do partido. Na mesma ocasião o Comité de Vigilância Antifascista rejeitou igualmente a sua candidatura. Valois ficou suspenso no ar, nesta tentativa de perfazer em sentido inverso o seu caminho anterior, e assim o foi encontrar a ocupação alemã da França. Preso pela polícia de Vichy, mais tarde preso pelos nazis, ele morreu num campo de concentração, tal como sucedeu a outros partidários, ou antigos partidários, do fascismo populista¹⁷¹.

Foi como se algum feirante irónico instalasse um carrossel numa sala de espelhos, de modo que cada um dos personagens desta história rodasse alternadamente entre todas as posições, e em qualquer instante todos eles ilustrassem a teia que ligava os extremos. Enquanto Valois passa do anarquismo para a direita monárquica e radical, Berth e Lagardelle evoluem, no interior do socialismo, para posições de esquerda cada vez mais acentuadas. Em 1909, quando Berth adere à Action Française, e em 1911, quando se encontra

¹⁷¹ Acerca de Georges Valois ver sobretudo Y. Guchet (1965) 1111 e segs. e id. (2001) *passim*. Consultar igualmente: P. Ory (1976) 269; E. Santarelli (1981) I 491 n. 1; Z. Sternhell (1978) 365, 384, 399; id. et al. (1994) 93-94, 96; E. Weber (1964) 132-133. Yves Guchet pretendeu em (1965) 1134 n. 70 que o Faisceau não teria contado com a simpatia de Mussolini, mas foi mais prudente em (2001) 240 n. 44, limitando-se a colocar a hipótese de que a organização de Valois deixasse céptico o Duce; do mesmo modo, em (2001) 242 n. 50, depois de relatar que, segundo diversas fontes, o Faisceau teria recebido subsídios italianos, Guchet duvidou de que isto fosse exacto, argumentando que nada se provou. Note-se que G. Volpe (1941) 228 evocou com apreço «o grupo de Georges Valois». A frase de crítica ao regime de Mussolini encontra-se citada em Y. Guchet (2001) 256 e a frase de crítica ao plano de acção da CGT está em id., *ibid.*, 9.

com Valois na fundação do Cercle Proudhon, Lagardelle rompe com ele. Mas pouco depois Lagardelle transita para o socialismo reformista e para a democracia liberal, parecendo acomodar-se e apagar-se nas instituições da Terceira República, enquanto Berth se torna comunista em 1920. Cinco anos mais tarde, Berth afasta-se do Partido Comunista e regressa a um sindicalismo soreliano que já não existia senão na memória de alguns dos seus antigos participantes, precisamente quando Valois inaugura o fascismo francês, onde conta em breve com a adesão de Lagardelle. Mas é agora Valois quem depressa volta costas ao fascismo e busca no socialismo radical uma oportunidade que não encontra, porque não lha dão, exactamente durante os mesmos anos em que Lagardelle vai ocupando posições de destaque nos meios fascistas do seu país. E quando Lagardelle entra para o governo de Vichy é nas prisões desse governo que Valois se encontra detido, sendo depois preso pela Gestapo e enviado para Bergen-Belsen. Morreu um enquanto o outro havia atingido a glória. Que glória! Valeu-lhe, pior do que a morte, a prisão ignominiosa, sepultando-se afinal na história o último dos navegantes desta farândola grotesca. Mas enquanto o carrossel funcionou, rodaram os comparsas pontualmente entre as posições extremas. Uma relojoaria tão exacta não se deve explicar pelo espírito de aventura de uns, pela extravagância política de outros, nem pela inconstância de todos. A figura destes percursos não podia ser mais regular, e revela os vínculos que

ligaram estas posições políticas nos embates da época.

Para quem, como nós, veja a história ao invés, o breve episódio do Cercle Proudhon parece conter a premonição dos desastres futuros. Mas na história os actores, ou autores, desconhecem o enredo em que participam, ou que julgam escrever.

Referências

Édouard BERTH (1923) *Les Derniers Aspects du Socialisme. Édition Revue et Augmentée des «Nouveaux Aspects»*, Paris: Marcel Rivière.

T. B. BOTTOMORE (1967) *Élites et Société*, Paris: Stock.

Yves GUCHET (1965) «Georges Valois ou l'Illusion Fasciste», *Revue Française de Science Politique*, XV.

Yves GUCHET (2001) *Georges Valois. L'Action Française, le Faisceau, la République Syndicale*, Paris: L'Harmattan.

Daniel GUÉRIN (1969) *Sur le Fascisme*, vol. I: *La Peste Brune*, vol. II: *Fascisme et Grand Capital*, Paris: François Maspero.

Georges GUY-GRAND (1911) *La Philosophie Syndicaliste*, Paris: Bernard Grasset.

Daniel LIGOU (1962) *Histoire du Socialisme en France (1871-1961)*, Paris: Presses Universitaires de France.

Boris R. LOPUKHOV (1965) «Il Problema del Fascismo Italiano negli Scritti di Autori Sovietici», *Studi Storici*, VI, nº 2.

Georg LUKÁCS (1980) *The Destruction of Reason*, Londres: The Merlin Press.

Adrian LYTTTELTON (1982) *La Conquista del Potere. Il Fascismo dal 1919 al 1929*, Roma e Bari: Laterza.

Charles S. MAIER (1988) *La Refundación de la Europa Burguesa. Estabilización en Francia, Alemania e Italia en la Década Posterior a la I Guerra Mundial*, Madrid: Ministerio de Trabajo y Seguridad Social.

Karl MANNHEIM (1986) *Conservatism. A*

Contribution to the Sociology of Knowledge, Londres e Nova Iorque: Routledge & Kegan Paul.

Alan MUNTUN (2010) «Wyndham Lewis and Spain: Anarchism, Cliché, Image», em *Wyndham Lewis (1882-1957)*, Madrid: Fundación Juan March.

Pascal ORY (1976) *Les Collaborateurs, 1940-1945*, Paris: Seuil.

Lucien REBATET (1942) *Les Décombres*, Paris: Denoël.

Jean RIÈRE e Jil SILBERSTEIN (orgs. 2001) *Victor Serge. Mémoires d'un Révolutionnaire et autres Écrits Politiques. 1908-1947*, Paris: Robert Laffont.

Enzo SANTARELLI (1981) *Storia del Fascismo*, 2 vols., Roma: Editori Riuniti.

Paul SÉRANT (1959) *Le Romantisme Fasciste. Étude sur l'Oeuvre Politique de quelques Écrivains Français*, Paris: Fasquelle.

Georges SOREL (1936) *Réflexions sur la Violence* (8ª ed., incluindo *Plaidoyer pour Lénine*), Paris: Marcel Rivière.

Georges SOREL (1947) *Les Illusions du Progrès* (5ª ed.), Paris: Marcel Rivière.

Zeev STERNHELL (1978) *La Droite Révolutionnaire, 1885-1914. Les Origines Françaises du Fascisme*, Paris: Seuil.

Zeev STERNHELL, Mario SZNAJDER e Maia ASHERI (1994) *The Birth of Fascist Ideology. From Cultural Rebellion to Political Revolution*, Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press.

Gioacchino VOLPE (1941) *História do Movimento Fascista*, Roma: Novissima (ano XIX).

Eugen WEBER (1964) *Varieties of Fascism. Doctrines of Revolution in the Twentieth Century*,

Princeton: D. van Nostrand.

Eugen WEBER (1965) «France», em Hans Rogger e Eugen Weber (orgs.) *The European Right. A Historical Profile*, Berkeley e Los Angeles: University of California Press.

Wyndham Lewis (1882-1957), Madrid: Fundación Juan March, 2010.

V

Mussolini, o Mais Improvável dos Fascistas

Para a Itália chegara finalmente a guerra sonhada por Corradini e por tantos sindicalistas revolucionários, não as esmagadoras derrotas como em Dogali e em Aduwa, na Etiópia, e outras na Líbia, nem as demais campanhas medíocres e as pequenas escaramuças de uma impotência imperial no norte da África, mas o grande massacre. O sindicalismo revolucionário, na primeira linha dos que defendiam a intervenção da Itália no conflito, continuou a fornecer à esquerda radical a principal via de passagem para o nacionalismo mais aguerrido, um caminho que Mussolini seguiu, e muitos outros com ele¹⁷².

Para quem observe a história tal como ela se desenrolou, de trás para diante, Benito Mussolini seria o mais improvável dos fascistas. O seu pai, Alessandro, fora um militante activo na corrente radical da Primeira Internacional, numa época em que o socialismo italiano recebia sobretudo a inspiração de Bakunin. E se mais tarde, embora mantendo-se fiel aos ideais libertários, Alessandro Mussolini seguiu boa parte dos seus companheiros na adopção de uma tática legalista, isto não impediu o jovem Benito de expressar simpatia,

¹⁷² E. Santarelli (1981) I 59-60, 97-99.

com dezassete ou dezoito anos, por uma versão bakuninista e blanquista do socialismo¹⁷³. Discípulo de Sorel desde pelo menos o final de 1906¹⁷⁴, censurou asperamente o mestre quando o viu aliar-se à Action Française (Acção Francesa)¹⁷⁵, e no interior do Partito Socialista Italiano (PSI, Partido Socialista Italiano) defendeu de maneira intransigente posições extremas, contando-se entre os que propuseram no congresso de 1910 a cisão da ala revolucionária, da qual se tornou um dos dirigentes. Descontente com o compromisso unitário que prevalecera nesse congresso, Mussolini tentou precipitar a ruptura no ano seguinte, a partir da sua posição de secretário da federação de Forlì e de chefe dos socialistas da Romagna, mas sem êxito, porque os seus correligionários das outras federações regionais não o acompanharam¹⁷⁶. A coerência deste percurso político encontrava os termos de referência na abertura às ideias anarquistas e no simultâneo interesse pelas correntes radicais do marxismo, de maneira que para Mussolini cada um destes horizontes ideológicos servia de limite e de correctivo ao outro. Parece-me especialmente significativo que em 1912, precisamente quando começava a impor-se no Partido Socialista como o mais popular dos dirigentes da facção revolucionária, Mussolini tivesse publicado alguns artigos num pequeno jornal libertário sob o

¹⁷³ P. Milza (1999) 15-17, 19, 28, 31.

¹⁷⁴ Id., *ibid.*, 83.

¹⁷⁵ Z. Sternhell et al. (1994) 201-202.

¹⁷⁶ P. Milza (1999) 131-133.

pseudónimo francês «*L'homme qui cherche*» («O homem que busca»), confessando-se descrente das mentiras convencionais, de onde quer que elas viessem¹⁷⁷.

O facto de Mussolini colaborar desde 1903 com a imprensa sindicalista revolucionária¹⁷⁸ não o impediu de criticar o militarismo que se manifestava neste meio, e em 1911, por ocasião da campanha da Líbia, ele destacou-se entre os animadores da tendência internacionalista, sendo um dos cabecilhas da greve geral desencadeada contra a guerra. Aliás, Mussolini procurou colocar a questão numa perspectiva mais ampla, evocando em Agosto desse ano a eventualidade de uma greve geral revolucionária caso se iniciasse uma guerra europeia e repetindo o aviso no mês seguinte¹⁷⁹. Todavia, apesar da cautela com que encarava as posições belicistas de muitos deles, Mussolini usava os sindicalistas revolucionários como antídoto à facção reformista do socialismo, e esta aliança é tanto mais significativa quanto em 1908 os sindicalistas revolucionários haviam abandonado o PSI¹⁸⁰. Condenado à prisão em 1911 pela sua participação na campanha contra a expedição militar na Tripolitânia, ao ser libertado no ano seguinte ele surgia já como a principal personalidade da ala revolucionária do partido, que se tornara maioritária precisamente então, no congresso de Julho de 1912, e foi eleito para a

¹⁷⁷ Id., *ibid.*, 139.

¹⁷⁸ Id., *ibid.*, 67.

¹⁷⁹ Id., *ibid.*, 135-136; Z. Sternhell et al. (1994) 196-201.

¹⁸⁰ P. Milza (1999) 91; Z. Sternhell et al. (1994) 131, 132, 136.

—

direcção nacional e, alguns meses depois, encarregado de chefiar a redacção do mais importante diário socialista¹⁸¹. Ao mesmo tempo que expurgava do jornal os elementos reformistas, Mussolini convidava a colaborarem sindicalistas revolucionários de ambas as facções, tanto aqueles que, como Enrico Leone, tinham conduzido em 1911 a agitação contra a guerra na Líbia, como outros que haviam aplaudido entusiasticamente a expansão colonial, por exemplo Arturo Labriola¹⁸². A conjugação contraditória dos ideais libertários e da doutrina marxista, que sempre guiara o percurso de Mussolini, era agora aceite pela primeira vez nas altas esferas do partido, e com indubitável êxito, porque o novo chefe de redacção fez a tiragem do jornal subir, em pouco mais de um ano, de 20.000 para cerca de 100.000 exemplares¹⁸³. E embora tivesse abandonado parcialmente as teses do sindicalismo revolucionário e passado a defender a subordinação dos sindicatos ao partido, Mussolini manifestou o seu apoio aos movimentos de greve desencadeados na primeira metade de 1913 pela confederação sindicalista revolucionária, a *Unione Sindacale Italiana* (USI, União Sindical Italiana), contra a opinião dos sindicalistas socialistas da *Confederazione Generale del Lavoro* (CGL, Confederação Geral do Trabalho) e dos dirigentes reformistas¹⁸⁴.

¹⁸¹ G. Bortolotto (1938) 225; P. Milza (1999) 137-138, 140-142; S. Saladino (1965) 241; Z. Sternhell et al. (1994) 198.

¹⁸² P. Milza (1999) 144.

¹⁸³ Id., *ibid.*, 144. Mais modestamente, P. Marion (1939) 13 considerou que a tiragem subira de 40.000 para 100.000 exemplares.

¹⁸⁴ P. Milza (1999) 154-155. Todavia, em Agosto de 1913, quando a USI

Este radicalismo viu-se consagrado em Abril de 1914, no 14º Congresso do PSI, quando a ala esquerda da tendência maximalista triunfou plenamente e Mussolini se converteu num dos três principais dirigentes do partido¹⁸⁵. Dois meses depois, nas vésperas da Grande Guerra, o proletariado italiano lançou-se numa vastíssima agitação, que em alguns lugares atingiu um carácter francamente insurreccional — a Semana Vermelha, não só pelos ideais revolucionários, mas também pelo sangue vertido em abundância — e Mussolini empenhou-se sem receio no movimento, apesar da franca oposição da CGL e dos reformistas e das hesitações da própria direcção maximalista do partido¹⁸⁶.

Para não depender exclusivamente dos equilíbrios internos do PSI, cujos resultados eram em boa medida aleatórios e imprevisíveis, Mussolini fundou no final de 1913 uma revista, chamada *Utopia* em homenagem a Thomas More, onde, segundo confessou, se propunha exprimir o seu pensamento individual, que não correspondia forçosamente às atitudes públicas exigidas a um dirigente partidário¹⁸⁷. Nesta revista colaboraram alguns dos nomes mais notáveis do sindicalismo revolucionário, mas também representantes do marxismo radical, como Karl Liebknecht, Bordiga

lançou um novo apelo à greve geral, Mussolini considerou-o aventureirista. Ver id., *ibid.*, 156.

¹⁸⁵ Id., *ibid.*, 157-158.

¹⁸⁶ Id., *ibid.*, 159-161.

¹⁸⁷ Foi o que Mussolini afirmou num artigo publicado em *Utopia* em Janeiro de 1914, citado em id., *ibid.*, 170-171.

e Angelo Tasca¹⁸⁸. Em suma, de todos os chefes políticos mais ou menos influenciados pelo sindicalismo revolucionário, nenhum foi tão renitente como Mussolini a aceitar a passagem do tema do proletariado para o tema da nação e a substituir o quadro da luta entre classes pelo da guerra entre países. Sem nunca ter renunciado ao conjunto de teses proposto por Sorel e pelos seus discípulos, ele conseguiu durante mais de uma década evitar as consequências práticas que para muitos estavam forçosamente implícitas naquela doutrina. E, todavia, nos três últimos meses de 1914 Benito Mussolini juntou-se a outras figuras da esquerda radical na primeira fila da campanha intervencionista e foi o único capaz de equilibrar tantas contradições e tanta gente inimiga num movimento coerente e, em breve, disciplinado.

A posteriori é sempre possível arranjar explicações e descobrir sintomas de evolução. Ponho de parte a questão de saber se Mussolini teria servido de informador à polícia secreta francesa em 1904, o que o deixaria de então em diante sujeito a pressões ocultas e poderia justificar a sua atitude durante a primeira guerra mundial¹⁸⁹. Circunstâncias deste tipo, se se

¹⁸⁸ Id., *ibid.*, 157, 170-171; Z. Sternhell et al. (1994) 210-211.

¹⁸⁹ Quanto à origem da tese de que Mussolini teria sido informador da polícia política francesa ver P. Milza (1999) 73-74. Mas este historiador revelou uma dose notável de ingenuidade ao argumentar que Mussolini não teria exercido tal função porque os relatórios de agentes que estão hoje disponíveis para consulta nos arquivos o apresentam sempre como um perigoso subversivo. Se ele tivesse realmente sido um informador, isto não seria levado ao conhecimento dos funcionários de escalão inferior, e mesmo no topo da hierarquia a identidade de cada informador era mantida o mais possível secreta.

confirmarem, explicam talvez a evolução de um homem, mas não a dos milhares dos seus seguidores, e é precisamente esta a questão que interessa quando se trata de um chefe de partido. A análise deve prosseguir no plano da acção política colectiva.

Talvez não tivesse havido para o jovem Benito qualquer antagonismo entre socialismo e nacionalismo, tal como não o houvera para Mazzini nem para Garibaldi nem para Blanqui, que lhe serviram de fonte de inspiração¹⁹⁰. Mas as influências sentidas na juventude e as atitudes que então se tomam só adquirem raízes graças a experiências posteriores, e nesta perspectiva cabe recordar que em Janeiro de 1909 os dirigentes da Câmara do Trabalho de Trento, uma cidade italiana integrada no Império Austro-Húngaro, sabendo que Mussolini era um bom conhecedor da língua alemã, ofereceram-lhe o lugar de secretário daquele organismo e de director de um pequeno semanário do ramo italiano do Partido Social-Democrata austríaco¹⁹¹. Expulso de Trento pelas autoridades em Setembro de 1909, Mussolini começou no final do ano a redigir um ensaio, *Il Trentino Veduto da un Socialista*, que publicou em 1911.

À luz dos acontecimentos posteriores, a obra é muito ambígua. Por um lado, e apesar de o

¹⁹⁰ Id., *ibid.*, 31-32. Pierre Milza insistiu nesta tese ao longo do seu livro.

¹⁹¹ Id., *ibid.*, 108. Em 1897, consoante indicou E. H. Carr (1966) I 424, o Partido Social-Democrata austríaco decidira converter-se numa federação de seis partidos nacionais autónomos, correspondendo um deles à população italiana do império.

italianismo progredir na esfera linguística a expensas do germanismo, Mussolini concluiu que não existia na generalidade da população da província qualquer desejo de lutar e muito menos de morrer pela anexação à Itália, o que deixava sem conteúdo as esperanças dos irredentistas, para quem a unidade nacional estaria incompleta enquanto o Trentino e o Trieste não se juntassem à pátria italiana¹⁹². Mas, por outro lado, Mussolini considerou que aquela situação era prejudicial. Na sua opinião seria utópica a tentativa de passar por cima das divisões étnicas e linguísticas para unificar política e culturalmente o proletariado do Império Austro-Húngaro, como pretendia a pesada burocracia centralizadora e parlamentarista do Partido Social-Democrata, que Mussolini execrava; enquanto o proletariado radical, defensor da autonomia política e da descentralização e activo nos organismos sindicais de base, revelaria obrigatoriamente uma tendência separatista¹⁹³. No entanto, explicou Mussolini, o atraso económico da região, impedindo que existisse um operariado industrial forte, comprometia a luta pela autonomia e além disso determinava que a burguesia fosse composta por comerciantes timoratos, capazes quando muito de apoiar passivamente o irredentismo, mas sem um verdadeiro empenho¹⁹⁴.

O nacionalismo agressivo foi apresentado por Mussolini como o quadro em que poderiam ter-se

¹⁹² B. Mussolini (1961) 171-172, 174-175, 187 e segs., 197-198.

¹⁹³ Id., *ibid.*, 185-186.

¹⁹⁴ Id., *ibid.*, 169, 185-186, 191.

encontrado, se tivessem tido força social para tanto, um empresariado vigoroso e um operariado sindicalista e revolucionário. Esta convergência, que viria mais tarde a ser o programa do fascismo, detecta-se pela negativa em *Il Trentino Veduto da un Socialista*, e o fascista francês Paul Marion considerou que, ao regressar de Trento, Mussolini «está, sem o saber, muito antiaustriaco e nacionalista»¹⁹⁵. Por seu lado, Gioacchino Volpe pretendeu que Mussolini «tinha começado a sentir e a viver» em Trento os valores de «pátria, nação, ideais nacionais, solidariedade de classe»¹⁹⁶. Mas não estaria Volpe, ou por vício profissional de historiador ou por conveniência política de fascista, a ler naquele ensaio mais as teses desenvolvidas por Mussolini a partir da campanha intervencionista do que as suas palavras de 1909, fornecendo assim à biografia do Duce a coerência que ela não tinha? Porque se é certo que enquanto participava na agitação no Trentino ele demonstrara o seu apreço pelas revistas animadas por Prezzolini e por Giovanni Papini¹⁹⁷, onde o nacionalismo radical procurava abrir-se ao activismo dos sindicalistas consoante a estratégia enunciada por Corradini, não podemos também esquecer que três anos mais tarde criticou Sorel por se ter aliado à Action Française¹⁹⁸. Seria talvez então que Mussolini vituperou «esses intelectuais do sindicalismo italiano [...] oscilando entre Sorel

¹⁹⁵ P. Marion (1939) 12.

¹⁹⁶ G. Volpe (1941) 23.

¹⁹⁷ P. Milza (1999) 113-114.

¹⁹⁸ Z. Sternhell et al. (1994) 201-202.

—

e Corradini» e que, «depois de um parêntese de sindicalismo profissional, anseiam pela nação e geram um nacionalismo que, se hoje é literário, será amanhã fautor de guerra»¹⁹⁹. Tudo somado, a viragem de Mussolini em 1914 foi inesperada e abrupta.

A primeira guerra mundial, no seu rasto de jovens corpos trucidados e velhas instituições derrocadas, tornou caducas, porque demasiado restritas ou demasiado sectárias, as doutrinas dos sindicalistas revolucionários, e remodelou estas e outras aspirações, fundiu-as, projectou-as para uma nova dimensão, onde depararam confusamente com problemas diferentes e com insuspeitados meios de acção. Um jovem socialista intervencionista escreveu durante o conflito que «será necessário enquadrar a luta de classes [...] no âmbito nacional»²⁰⁰. Era a conhecida estratégia de Corradini, transposta agora para o plano grandioso de um morticínio à escala planetária e reproduzida a partir do extremo oposto, não como uma nação que buscava um proletariado para a revigorar, mas como um proletariado que procurava na nação um novo horizonte. A entrada em guerra contra o Império Austro-Húngaro surgiu a muitos italianos como o necessário epílogo da unificação do país, que a política de compromissos da monarquia havia deixado sem concluir. Engels escrevera que o movimento socialista só se desenvolve depois de a

¹⁹⁹ Citado por P. Milza (1999) 140. Mas note-se que este historiador desconhecia a data do texto mencionado, como indicou na pág. 902 n. 47.

²⁰⁰ Tullio Colucci citado em E. Santarelli (1981) 199.

nação estar unificada e ter adquirido a independência²⁰¹. E se em termos marxistas a unidade nacional fora saudada como progressiva, não deveria a derradeira etapa da unificação ser considerada do mesmo modo? Já não se tratava, nesta óptica, de uma expansão colonial, como sucedera com as campanhas na Líbia, mas, pelo contrário, de uma guerra destinada a libertar os últimos territórios italianos ainda submetidos à cobiça estrangeira. O que os defensores desta tese não viam, porém, ou não queriam ver, é que em 1914 o conflito era mundial e os interesses da classe trabalhadora se colocavam directamente no plano internacional, não no quadro retardatário do nacionalismo.

Enquanto Lenin e os seus companheiros da minoria na conferência de Zimmerwald atacavam a guerra para transformá-la em revolução, os sindicalistas revolucionários pretendiam chegar ao mesmo objectivo através da participação no conflito. Confundido o radicalismo de classe com a violência de qualquer tipo, e descobertos outros parâmetros para a democracia na fraternidade do perigo e da morte, as trincheiras surgiram aos renovadores da política de direitas como o lugar onde o militante do proletariado haveria de se converter em soldado de uma nação e, ao fazê-lo, transformaria a nação, imprimindo-lhe outra audácia. «Os militares hoje feridos e com baixa são a vanguarda do grande exército que regressará

²⁰¹ Ver, por exemplo, a carta de Engels a Kautsky com data de 7 de Fevereiro de 1882 em P. W. Blackstock et al. (orgs. 1952) 116-117.

amanhã», prometeu Mussolini nos últimos dias de 1917, e continuou: «As palavras “república”, “democracia”, “radicalismo”, “liberalismo”, a própria palavra “socialismo”, já não têm mais qualquer sentido. Terão um amanhã, mas ser-lho-á dado pelos milhões “daqueles que voltaram”. E poderá ser algo bastante diferente. Poderá ser, por exemplo, um socialismo antimarxista e nacional. Os milhões de trabalhadores que regressarão para rasgar a terra com as suas charruas, depois de terem estado na terra rasgada das trincheiras, realizarão a síntese da antítese entre classe e nação»²⁰².

O «socialismo nacional» apresentava-se como a emancipação óbvia da «nação proletária». Em 23 de Março de 1919, no discurso fundador do fascismo, Mussolini deixou bem patentes os termos da questão. «Declaramos guerra ao socialismo não por ser socialista, mas por se ter oposto à nação»²⁰³. As consequências lógicas haviam sido extraídas, o quadro estava definido, daqui em diante a regra do jogo só podia ser uma.

Mais tarde um jornalista recordou o que D’Annunzio lhe anunciara em Fiume: «Haverá uma nova cruzada das nações pobres e

²⁰² Benito Mussolini em *Il Popolo d’Italia*, 15 de Dezembro de 1917, antologiado em R. Griffin (org. 1995) 29. Citado igualmente em Z. Sternhell et al. (1994) 221 e comentado por P. Milza (1999) 213.

²⁰³ Antologiado em Ch. F. Delzell (org. 1971) 9 e citado em P. Milza (1999) 239. Note-se que em Charles Delzell se lê «por se ter oposto ao nacionalismo» onde em Pierre Milza vem «por se ter oposto à nação». «É na transição do ano de 1918 para o de 1919», escreveu Pierre Milza em *op. cit.*, 231-232, «que se conclui a conversão de Mussolini à ideia de uma revolução nacional e social, cujos principais actores saíam da elite forjada nas trincheiras».

empobrecidas, dos homens pobres e dos homens livres, contra as nações, contra a casta dos usurários que ontem tiveram os lucros da guerra e hoje lucram com a paz»²⁰⁴. Mas os paradoxos do nacionalismo ocasionam inevitavelmente uma armadilha prática, porque não existe qualquer linha divisória entre a edificação de uma pátria e a sua projecção imperial. Nacionalismo e expansionismo formam um *continuum*. Nos finais de 1935, ao se lançar na conquista da Abissínia, Mussolini teve a desfaçatez de proclamar «à Itália proletária e fascista»: «A guerra que começámos em terras de África é uma guerra de civilização e de libertação. [...] É a guerra dos pobres, dos deserdados, dos proletários»²⁰⁵. E a rádio oficial anunciou em Maio do ano seguinte que «pela primeira vez na história das guerras coloniais, esta foi uma guerra proletária [...]»²⁰⁶. Tratava-se de um desafio lançado às nações plutocráticas por uma nação proletária a quem era negado o direito a possuir espaços coloniais²⁰⁷. E um Duce já cansado, no seu discurso de 10 de Junho de 1940, quando abandonou a não-beligerância e anunciou a entrada da Itália na nova guerra mundial, retomou os termos da mesma dicotomia. «Esta luta gigantesca não é mais do que uma fase do desenvolvimento lógico da nossa revolução: é a luta dos povos pobres e com mão-de-obra

²⁰⁴ Citado em G. Seldes (1935) 74.

²⁰⁵ Discurso de 18 de Dezembro de 1935 antologado em G. S. Spinetti (org. 1938) 203. Uma versão um pouco diferente encontra-se em Benoist-Méchin (1964-1966) IV 166. Ver também G. Volpe (1941) 211.

²⁰⁶ Citada em E. Gentile (2010) 123.

²⁰⁷ C. T. Schmidt (1939) 139.



abundante contra os açambarcadores que detêm ferozmente o monopólio de todas as riquezas e de todo o ouro da terra; é a luta dos povos fecundos e jovens contra os povos estéreis e votados ao desaparecimento; é a luta entre dois séculos e duas ideias»²⁰⁸. Do princípio ao fim, foi este o fio condutor do fascismo.

²⁰⁸ Antologado em Ch. F. Delzell (org. 1971) 214 e citado em P. Milza (1999) 777 e E. Santarelli (1981) II 402. Poucos meses depois, em 26 de Outubro de 1940, Goebbels disse em Viena a um grupo de dirigentes do partido nacional-socialista: «Quando esta guerra terminar queremos ser os senhores da Europa [...] Pertenceremos enfim às nações ricas [...]». Citado em J. Noakes et al. (orgs. 2008-2010) III 292. Em 1949 o antigo chefe do fascismo valão explicou a recente guerra mundial como um conflito entre «os Estados saciados e decadentes e os Estados pobres, mas fecundos e dinâmicos». Ver L. Degrelle (1949) [13].

Referências

BENOIST-MÉCHIN (1964-1966) *Histoire de l'Armée Allemande*, vols. I a VI, Paris: Albin Michel.

Paul W. BLACKSTOCK e Bert F. HOSELITZ (orgs. 1952) *The Russian Menace to Europe, by Karl Marx and Friedrich Engels*, Glencoe: Free Press.

Guido BORTOLOTTI (1938) *Storia del Fascismo*, Milão: Ulrico Hoepli.

Edward Hallett CARR (1966) *A History of Soviet Russia. The Bolshevik Revolution, 1917-1923*, 3 vols., Harmondsworth: Penguin.

Léon DEGRELLE (1949) *La Cohue de 1940*, Lausanne: Robert Crauzaz

(<http://archive.org/details/LaCohueDe1940>).

Charles F. DELZELL (org. 1971) *Mediterranean Fascism, 1919-1945*, Nova Iorque: Walker.

Emilio GENTILE (2010) *Fascismo di Pietra*, Roma e Bari: Laterza.

Roger GRIFFIN (org. 1995) *Fascism*, Oxford e Nova Iorque: Oxford University Press.

Paul MARION (1939) *Leur Combat. Lénine — Mussolini — Hitler — Franco*, Paris: Arthème Fayard.

Pierre MILZA (1999) *Mussolini*, [Paris]: Fayard.

Benito MUSSOLINI (1961) *Il Trentino Veduto da un Socialista (Note e Notizie)*, em Edoardo Susmel e Duilio Susmel (orgs.) *Opera Omnia di Benito Mussolini*, vol. XXXIII: *Opere Giovanili (1904-1913)*, Florença: La Fenice.

J. NOAKES e G. PRIDHAM (orgs. 2008-2010) *Nazism 1919 – 1945. A Documentary Reader*, vol. I: *The Rise to Power 1919-1934*, vol. II: *State, Economy and Society 1933-1939*, vol. III: *Foreign Policy, War and Racial Extermination*, vol. IV: *The*

German Home Front in World War II, Exeter: University of Exeter Press.

Salvatore SALADINO (1965) «Italy», em Hans Rogger e Eugen Weber (orgs.) *The European Right. A Historical Profile*, Berkeley e Los Angeles: University of California Press.

Enzo SANTARELLI (1981) *Storia del Fascismo*, 2 vols., Roma: Editori Riuniti.

Carl T. SCHMIDT (1939) *The Corporate State in Action. Italy under Fascism*, Nova Iorque e Toronto: Oxford University Press.

George SELDES (1935) *Sawdust Caesar. The Untold History of Mussolini and Fascism*, Nova Iorque e Londres: Harper & Brothers.

G. S. SPINETTI (org. 1938) *Mussolini. Spirito della Rivoluzione Fascista*, Milão: Ulrico Hoepli.

Zeev STERNHELL, Mario SZNAJDER e Maia ASHERI (1994) *The Birth of Fascist Ideology. From Cultural Rebellion to Political Revolution*, Princeton, Nova Jersey: Princeton University Press.

Gioacchino VOLPE (1941) *História do Movimento Fascista*, Roma: Novissima (ano XIX).

